

Artigo I.

HISTÓRICO IMPACTO DE INVESTIMENTOS DE MERCADO NO CENÁRIO BRASILEIRO: AS PESSOAS, A VIDA, OS MODELOS MENTAIS E A ARTE DE GESTAR A CARREIRA E O CAPITAL FINANCEIRO

Alexandre Pierezan

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul UFMS, Nova Andradina, Mato Grosso do Sul, Brasil
apierezan18@gmail.com

Claudio Antonio Rojo

Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE, Cascavel, Paraná Brasil
rojo_1970@hotmail.com

RESUMO

Este ensaio aborda a questão da financeirização da vida em sociedade e seu impacto no cenário econômico brasileiro. Examina se essa realidade está presente ou não nos âmbitos educacional, econômico, social e político no Brasil, destacando a importância da formação individual baseada na eficiência, no mérito e nas escolhas responsáveis, e incorporando a sabedoria dos conhecimentos tradicionais dos antigos. Analisa a intervenção estatal na vida privada, as liberdades individuais e comerciais, assim como a sabedoria tradicional dos clássicos. Investiga como o aumento dos investimentos em ações no Brasil está ligado ao fortalecimento da educação financeira, reduzindo a curva de pobreza. Isso aponta para a necessidade de uma abordagem estratégica abrangente na promoção de uma educação financeira eficaz, para reduzir a pobreza e consolidar uma economia robusta. Analisar o comportamento dos investidores e adotar métodos de sucesso são meios para impulsionar eventos individuais. Historicamente, o capitalismo de livre mercado tem sido eficaz no combate à fome e à pobreza.

Palavras-chave: Cenário estratégico; investidor; Cultura e mercado de ações; Estado e sociedade.

ABSTRACT

This essay addresses the issue of the financialization of society and its impact on the Brazilian economic landscape. It examines whether this reality is present in the educational, economic, social, and political spheres in Brazil, emphasizing the importance of individual formation based on efficiency, merit, and responsible choices, while incorporating the wisdom of ancient traditional knowledge. It analyzes state intervention in private life, individual and commercial freedoms, as well as the traditional wisdom of the classics. It investigates how the increase in investments in stocks in Brazil is linked to the strengthening of financial education, reducing the poverty curve. This points to the need for a comprehensive strategic approach in promoting effective financial education to reduce poverty and consolidate a robust economy. Analyzing investor behavior and adopting successful methods are means to boost individual success. Historically, free-market capitalism has been effective in combating hunger and poverty.

Keywords: Strategic landscape; investor; Culture and stock market; State and society.

1 - Introdução

A maneira como vemos a vida, as pessoas e o mundo depende dos nossos valores. (Quadros & Trevisan, 2002, p. 05)

São indispensáveis certas suficiências psicossociais para o desenvolvimento econômico (RODRIGUES, 1989, p. 154)

Seu salário é prioritariamente determinado por sua filosofia. Não pela economia. [...] porque eu sabia que não podia mudar a economia [...] mas eu tinha confiança que certamente podia mudar minha filosofia. (ROHN, s/d, 2023)

A vontade de se preparar tem que ser maior do que a vontade de vencer. Vencer será consequência da boa preparação. (BERNARDINHO, 2006, p. 103).

O escopo essencial desta pesquisa reside em explorar as complexas interações entre a gestão da carreira pessoal e uma abordagem financeira mais abrangente, visto que “um homem sem propósito é como um navio sem leme” (CARLYLE, 1924, p. 14). Existe, em tese, uma interação entre gerir a carreira pessoal e os cenários futuros para a financeirização da vida. A fim de desbravar esse terreno, é crucial empreender uma análise metódica das diversas opções e direcionamentos no contexto do cenário empresarial e de negócios. Isso é realizado por meio de exemplos históricos reais que conseguiram efetivamente moldar o mundo à nossa volta, com certa reserva aos *grands doutrinaires* – porque as doutrinas e sistemas de pensamento exercem influência sobre os aspectos culturais, financeiros, econômicos e políticos (VOEGELIN, 1979, p. 07). Este trabalho teórico bibliográfico é justificado pela constatação de que os maiores ganhos estão internamente ligados à “qualificação”, na qual a educação formal representa apenas uma “parte da formação profissional” (MANTOVANI, 2021).

Esta complexa jornada ganha contornos ainda mais desafiadores quando consideramos que a gênese dos mercados financeiros contemporâneos remonta ao período anterior à Revolução Francesa de 1789, quando poucos indivíduos ousaram desafiar as coerções impostas pelo contexto da época com inovação e ação empreendedora. Isso, pois, o “*espírito do capitalismo*”, expresso de forma icônica por Max Weber (2004, p. 41), consistiu em conferir valor a uma ampla gama de aspectos da vida em sociedade, transformando tudo em mercadoria, desde ocupações pessoais, concessões, bens, serviços e o consumo. Este trabalho, portanto, analisa as origens dessa transformação, examinando a interseção entre a gestão da carreira pessoal e a evolução dos mercados financeiros ao longo do tempo. Oferece, em tese, *insights* e projeções de cenários valiosos para compreender as interações que delineiam nosso mundo contemporâneo. A abordagem sobre o autoconhecimento é fundamentada em teóricos antigos e modernos, um tema que remonta aos estudiosos das sociedades antigas (PIEREZAN, 2022), proporcionando exemplos que enriquecem a compreensão das principais virtudes em *Business Ethics* (LANNES, 2023). Este campo, abarca interpretações nas áreas da Filosofia, do Direito, da História, da Psicologia e nas Teorias Empresariais.

A formação e a fase inicial da “trajetória” (CARLYLE, 1963, p. 11) de um indivíduo destacam os estágios iniciais do desenvolvimento de habilidades e competências profissionais. “Nos cenários do passado histórico e naqueles que se apresentam em pleno século XXI alguns comportamentos parecem inalterados, dentre eles a convicção de que “a lei

da atração atrai semelhante” (DOYLE *apud* BYRNE, 2015, p. 12). Essa interação societária se encaixa de forma especial na dinâmica do “*espírito do capitalismo*” destacado por Max Weber (2004, p.41), o qual conceitua a prosperidade através da conexão entre as pessoas em ambientes de aproximações basilares, mantendo, acima de tudo, o destaque à “*individualidade histórica*” (WEBER, 2004, p.41). Isso não apenas redefine a cultura no ambiente familiar, mas também se ramifica junto à sociedade em geral e no mundo das finanças, enaltecendo a liberdade em todos os níveis como uma das virtudes principais, sendo o mérito pessoal indispensável para o crescimento econômico da sociedade como um todo: “*vês um homem exímio em sua profissão? Digno ele é de apresentar-se perante os reis*” (WEBER, 2004, p. 47). Essas ideias estiveram presentes em outras épocas históricas e fundamentaram, em partes, a lógica de mercado predominante hoje.

02 – Cenário financeiro, desenvolvimento pessoal e princípios fundamentais

A pessoa que é financeiramente educada assume o controle dos seus objetivos e os coordena com suas necessidades e desejos. (ROJO, 2014, p. 22)

A enredada sinergia entre as esferas pessoais e os princípios basilares que delineiam o êxito no universo das finanças evidencia a importância da integração entre valores individuais e alicerces éticos/morais para o desenvolvimento de estratégias sólidas e eficazes. Esses fundamentos são essenciais, uma vez que, como mencionado, “as organizações são compostas por indivíduos, onde ideias nascem. Os indivíduos constroem as organizações, onde se constrói informação” (HOSS, 2023, p. 11). A partir desta premissa, ao adentrarmos em tópicos relacionados a investimentos, modelos financeiros e projeções econômicas, os componentes inerentes à formação individual exercem uma influência direta sobre questões de substancial magnitude na sociedade. E, no mundo dos negócios, assim como em todas as áreas da vida, a imaginação desempenha um papel fundamental. Ela serve como um vislumbre das oportunidades, pois “a imaginação é tudo. É uma prévia das próximas atrações da vida” (EINSTEIN *apud* BYRNE, 2015, p. 54).

Nessa linha de raciocínio, emergem algumas máximas históricas notáveis, incluindo a noção de que a lacuna no conhecimento individual pode ser mitigada/remediada, mas a carência de fundamentos morais e éticos se apresenta notoriamente mais desafiadora de ser corrigida. Assim, alinhados com essa premissa, é imperativo esclarecer questões individuais a fim de aprimorar nossa compreensão do sistema financeiro e de seu papel na sociedade. Quando os princípios éticos se chocam com o conhecimento e a análise minuciosa dos fatos e da realidade em sua essência, isso pode desencadear perturbações na lógica subjacente aos investimentos financeiros. Pois, é importante frisar, os “ideais individualistas das sociedades ocidentais são consistentes [...] valorizam a iniciativa no lugar da inibição, a autonomia no lugar da dependência, a indústria no lugar da passividade, a honestidade no lugar da desonestidade, a produção no lugar do parasitismo, a correção no lugar da fraude, o consenso mútuo no lugar da coerção, o altruísmo no lugar da exploração” (ROSSITER, 2016, p. 140).

Em grande medida, o progresso pessoal no mercado e nas finanças exige superar os mecanismos educacionais persistentes e pejorativos que culpam o mérito pessoal/individual e atribuem o fracasso individual à sociedade, gerando “ressentimento histórico” e uma clara diminuição na média do Quociente de Inteligência (QI) (LOIOLA, 2023). Este último obstáculo prejudica o crescimento pessoal, em grande medida porque as pessoas enfrentam desafios

no controle de suas emoções, na gestão adequada de frustrações e demonstram uma suscetibilidade considerável a influências externas, frequentemente agindo de maneira irracional e brutal (KOYANAGI e HARO; LUÍS, 2019), o que acaba resultando em uma dependência em relação ao Estado. E, nesse processo de esquecimento programado perde-se a consciência de que “cabe a cada um esforçar-se por meio da sua própria vontade e disciplina para atingir os objetivos que aspira. Satisfazer seus desejos e ambições não é – tampouco foi um dia – um dever do Estado” (LOIOLA, 2019, p. 08-09). Dessa forma, a lógica da competição deixa de ser concebida como um jogo livre, transformando-se em um processo controlado, delimitado por fronteiras equilibradas, assemelhando-se a uma espécie de modelo “*hybrid aliance type*” (CHIM-MIKI e OLIVEIRA-RIBEIRO, 2022, p. 62), que predomina nos cenários estratégicos, seguindo o princípio do ganha-ganha.

O conhecimento e as dificuldades inerentes operam em um plano que demanda grande perseverança. Criar o hábito contínuo de aprendizado e busca de conhecimento é uma empreitada que amplia consideravelmente as possibilidades em todas as esferas da vida. Entretanto, quando ocorre a recusa pessoal em relação à busca de conhecimento, relegando os méritos e habilidades unicamente às benesses das instituições vinculadas ao Estado, isso pode prejudicar sobremaneira o desenvolvimento da carreira pessoal e pode inclusive impedir a apreciação e compreensão das responsáveis escolhas financeiras e econômicas. A falta de vontade de buscar o conhecimento resulta em danos pessoais irreparáveis, como o filósofo sabiamente descreveu: “todas as neuroses, todas as psicoses, todas as mutilações da psique humana se resumem, no fundo, a uma recusa de saber. São uma revolta contra a inteligência [...]” (CARVALHO, 2013). Adquirir mais conhecimento exige uma concentração firme na busca do saber, e o mesmo princípio se aplica à esfera financeira pessoal, afinal, como diz o ditado, “para ganhar dinheiro, você precisa se concentrar na riqueza” (CANFIELD *apud* BYRNE, 2015, p. 57). Em outras palavras, tentar caminhar em uma direção enquanto olhamos na direção oposta só nos levará a tropeçar nos primeiros obstáculos que surgirem pelo caminho. Essa relutância em abordar a questão financeira tem sido um problema, uma vez que “o brasileiro médio tem uma dificuldade imensa em se relacionar com o assunto dinheiro” (MANHOODBRASIL, 2023).

É sensato e crucial considerar os registros históricos sobre a verdadeira natureza da liberdade e as motivações que impulsionam o indivíduo em sua jornada profissional. Quanto mais nos aproximamos da ideia de liberdade sem entraves estatais, mais audaciosos nos tornamos em relação às liberdades de expressão, à preservação da propriedade privada, ao livre mercado, aos investimentos e à exaltação da meritocracia. O alcance de nossos objetivos depende, em última instância, de nossa orientação pessoal. E essa orientação pessoal tem raízes que remontam à história, mesmo anteriormente ao *espírito do capitalismo* delineado por Max Weber. Ela foi forjada pelos bravos pioneiros que moldaram a civilização como a conhecemos. Eles traçaram perfis que libertaram os seres humanos das correntes de qualquer estrutura, como sabiamente afirmou o pensador italiano Jules Mazarin – ministro de Estado que estimulou o comércio e a economia – ainda em 1684: “no início de tua carreira, não economizes longas horas de reflexão nem os esforços mais rudes” (MAZARIN, 1997, p. 73). E mesmo após atingir o sucesso na carreira pessoal, ele enfatizou que “por mais alto que se tenha chegado, é preciso sempre visar ainda mais alto” (1997, p. 138) e nunca se acomodar, prestando “atenção aos menores desperdícios que podem se produzir em tuas propriedades” (1997, p. 145).

É importante destacar que há algumas décadas ocorriam menos conflitos nas empresas,

nas organizações e nas famílias, exatamente porque a questão cultural impedia uma série de questionamentos. Nesse sentido, “atualmente, a maioria dos chefes, pais, professores e gestores tem menos poder de impor algo goela abaixo [...] pois as pessoas – mesmo crianças – querem ser convencidas, e não obrigadas a fazer algo” (FERRAZ, 2020, p. 146). Diversos órgãos e instituições, especialmente os públicos, poderiam até mesmo reduzir consideravelmente o número de cargos de liderança, devido à inaptidão direta na formulação de decisões propositivas. Neste ponto, as motivações que guiam o indivíduo em sua jornada profissional tornam-se mais evidentes, especialmente porque as crenças, os comportamentos e hábitos conduzem e servem de amparo para uma dedicação positiva para alcançar objetivos. “A história demonstra que são os otimistas, os confiantes, os sonhadores, os realizadores e os líderes positivos aqueles que mudam o mundo” (GORDON, 2018). Essas questões revelam as aspirações mais profundas na busca por aprimoramento e resultados que muitas vezes não são plenamente desfrutados pelo profissional, devido à constante dedicação a investimentos, sejam eles financeiros e/ou profissionais, que nunca cessam. Essa busca contínua é a força motriz que dá significado ao movimento geral das carreiras e ao subsequente sucesso profissional e financeiro, como afirmou o maior investidor brasileiro em Bolsa de Valores, conhecido como o “rei da Bolsa” (INFOMONEY, s/d): “Nunca odeie o dinheiro [...] A experiência me trouxe a convicção de que você não fica rico de repente” (BARSÍ, 2022).

Ao analisar as principais dúvidas sobre as verdadeiras motivações que impulsionam o aprimoramento profissional e pessoal, algumas reflexões podem emergir de maneira orgânica e natural. Mas, em tese, “não há sociedade sem indivíduos e, analogamente, não há indivíduos sem sociedade” (BARIANI, 2005). Ao explorar os desejos, valores e aspirações que orientam a escolha de uma carreira, não apenas se lança luz sobre o propósito individual, mas também se obtém uma bússola para uma trajetória profissional e financeira mais satisfatória e próspera. No entanto, é importante reconhecer que o tema do aprimoramento profissional e seus méritos não é novidade. Muitas teorias e tinta já foram gastas para enaltecer o livre-comércio, as liberdades individuais e o desenvolvimento de habilidade pessoais, todas visando ampliar a competitividade. Em um mundo caracterizado por avanços tecnológicos e estratégias de marketing cinematográficas, o aprimoramento profissional e o mérito individual desempenham um papel essencial na criação e no aprimoramento dos ativos considerados intangíveis, seja em uma organização ou em uma atividade individual – o *Benchmarking* (SEBRAE, 2022) também é uma estratégia para ampliar a competitividade. Estes ativos intangíveis estão relacionados às habilidades e competências individuais, à reputação e à marca pessoal, à inteligência emocional, à rede de contatos, à saúde física e mental, aos valores e princípios, às experiências de vida, entre outros. Certamente, os conhecimentos e habilidades adquiridos ao longo da vida representam ativos valiosos no patrimônio de um indivíduo, exercendo um impacto considerável nos valores inerentes ao mercado. A título de exemplo, é incontestável que um colaborador alfabetizado tende a progredir em sua educação, o que não apenas aprimora a qualidade de seu trabalho, mas também lhe permite aproveitar melhor as oportunidades que surgem ao longo da vida. A compreensão profunda desses elementos não somente pode contribuir para um maior engajamento no trabalho e uma sensação de realização pessoal, mas também pode deixar uma marca positiva na sociedade que nos rodeia.

Ademais, “o todo é diferente da soma de suas partes” (ELIAS, 1994, p. 16). Há uma questão de magnitude inegável que se destaca: a identificação dos domínios onde cada indivíduo exibe uma competência singular. Reconhecer e valorizar nossas habilidades e

talentos específicos é crucial não apenas para o sucesso profissional, mas também para uma realização pessoal mais densa, equilibrando a balança de tensões entre as necessidades/inclinações pessoais e a busca pela “satisfação suficiente” (ELIAS, 1994, p. 17). No âmbito dos negócios e das finanças, uma sólida tendência de aprimoramento é perceptível, com o intuito de elevar as capacidades individuais e, conseqüentemente, os rendimentos, gerando, em grande medida, desequilíbrios sociais. Assim, à medida que aprimoramos nossos pontos fortes, tornamo-nos agentes mais eficazes nas organizações e comunidades em que participamos, em uma clara tentativa de otimizar práticas e valores alinhados com o universo dos negócios. É nessa “existência individual” (ELIAS, 1994, 17) de investidor e/ou empreendedor que surge o abismo intransponível entre as capacidades pessoais de um profissional e a grande maioria da sociedade. E parece razoável supor que as características culturais desempenham um papel fundamental na capacitação pessoal na vida financeira, representando uma constante entre os empreendedores e investidores, aumentando ainda mais as discrepâncias sociais, que ocorrem, em grande parte, devido ao fato de que o brasileiro ainda apresenta “baixo grau de educação financeira” (GALLO, 2023). Portanto, a racionalização dos hábitos individuais e da cultura empresarial pode promover uma transformação no panorama geral de investimentos no Brasil, pois o quadro atual revela que o cenário estratégico para o futuro está na promoção da cultura financeira nas escolas, nos filmes e na tradição, isso, pois, “o mercado depende muito do comportamento” (ROJO e MACCARI, 2014, p. 25). Quanto mais preparados cultural e intelectualmente estivermos, mais avançaremos nessa direção, diminuindo as tensões e desequilíbrios individuais junto à sociedade, apesar de ser óbvio que “todo o conhecimento e toda a qualificação do mundo” não serão suficientes se o “modelo não estiver programado para o sucesso” (EKER, 1992, p. 34).

Ao reconhecer aquilo que individualmente realizamos com destreza, estamos a seguir o sábio preceito do “conhece-te a ti mesmo” (ROBERTSON, 2020, p. 09) – frase escrita na entrada do santuário de Delfos, na Grécia (PIÑON, 2006) –, um elemento inalienável para uma apreensão mais intensa daquilo que constitui a essência do nosso ser, como sabiamente afirmou Clóvis de BARROS (2019): “está dada a primeira grande lição da história do pensamento ocidental: existe um lugar para você, um jeito certo de você viver. Que tem a ver com a tua natureza, que tem a ver com as tuas especificidades”. Esta autenticidade na busca pelo que nos realiza pode ser vista como um caminho para a autorrealização e a satisfação pessoal. Isso também se relaciona com a noção de uma “hierarquia de bens” (VOEGELIN *apud* CARVALHO, 2016), postura que desde a infância nos leva a enfrentar escolhas difíceis, como por exemplo “escolher entre a posse de um objeto desejado e a amizade com o irmãozinho” (CARVALHO, 2016). Nesse patamar de formação cultural, diversos elementos exercem influência sobre os investimentos, mercados e empreendimentos. Torna-se essencial compreender as tendências e fragilidades pessoais, destacando a importância do princípio do “conhece-te a ti mesmo”.

Escolhas e opções originadas do *insight* individual, entrelaçadas com percepções captadas de uma realidade mais abrangente, funcionam como senhas de acesso a um mundo totalmente distinto daquele percebido pela maioria da sociedade. Elon Musk, o homem mais rico do mundo, alerta para a importância de não confundir diploma universitário com conhecimento, enfatizando que a universidade, em sua visão, “é para se divertir e para provar que você sabe executar suas tarefas” (MUSK *apud* GRANATO, 2020). Em consonância com esse pensamento, embora não a mencione diretamente, o professor Clóvis de Barros ressalta

que “a escola da tristeza é a melhor preparação para uma vida triste” (BARROS *apud* LACERDA, 2021). Este paralelo entre figuras proeminentes aprimora a compreensão da relevância de uma educação que não se limite à mera transmissão de conteúdos, mas que também promova o cultivo da curiosidade. Isso implica estimular os estudantes a explorar uma diversidade de áreas do saber, possibilitando que descubram seus interesses individuais. Atualmente, o sistema educacional no Brasil desempenha um papel crucial ao fornecer um arcabouço didático para a formação de cidadãos civilizados, embora, em muitas ocasiões, deixe a desejar ao negligenciar o estímulo à curiosidade em relação ao conhecimento diversificado e à orientação dos estudantes na identificação e exploração de seus interesses individuais de maneira mais científica e significativa. Em muitos casos, a educação falha ao não “incentivar a curiosidade pelo conhecimento diverso” e em não “ajudar os estudantes a encontrarem seus interesses individuais” (LACERDA, 2021). Essa lacuna repercute no panorama de empreendedores e investidores brasileiros, resultando na formação de indivíduos pouco familiarizados com as nuances da lógica de mercado. Adicionalmente, observa-se que o perfil dos investidores não está adequadamente alinhado com uma visão de longo prazo, muitas vezes concentrando-se apenas em gratificações imediatas, viagens e entretenimento. A resistência à poupança e ao investimento a longo prazo, aliada à descrença no cenário futuro e no valor do trabalho, pode ser considerada sintomática de uma cultura em declínio, orientada para a “destruição da ‘educação liberal’” (BLOOM, 1989, p. 106).

Essas tendências culturais exerceram impacto em diversos setores no Brasil, abrangendo o direito, a economia, a cultura, as artes, o mercado e a educação. Em conjunto com teorias dialéticas, essas ideias influenciaram sucessivas gerações de pensadores, levando-os a teorizar sobre o trabalho e o lucro de maneira depreciativa. Dessa forma, difundiram discursos ideológicos considerados progressistas ao longo de décadas. Essas narrativas ideológicas estabeleceram a base para o desenvolvimento de uma metajurisprudência que se infiltrou de maneira sutil na mentalidade intelectual, muitas vezes de forma não explícita. O desdobramento desse fenômeno resultou em uma transformação abstrata que se concretizou na realidade política e institucional, demandando uma análise mais apurada. Embora as referências contextuais pudessem preencher páginas com exemplos, as influências dessas ideias gradualmente minaram as concepções do indivíduo livre e responsável, sendo substituídas por noções planificadoras como “personagem social”, “classe social” e “burguês” (CAHALI, 1987, p. 44). Talvez seja factível constatar, conforme Norberto BOBBIO (2008, p. 66), “a presença de uma verdadeira contratendência no sentido de uma metajurisprudência prescritiva”, totalmente distinta da “lógica da verdade” (BOBBIO, 2008, p. 66). Nesse contexto, a metajurisprudência abriga uma narrativa, um discurso e uma intenção de que transcendem a compreensão puramente positiva da realidade mais evidente. As teorias dialéticas, por sua vez, exerceram influência significativa em várias gerações de pensadores, muitos inclusive “tem demonstrado extraordinária habilidade para desafiar as evidências” (SOWELL, 2022, p. 18). Esses indivíduos, em aderência, passaram a teorizar sobre a ideia depreciativa do trabalho e do lucro, contaminando sucessivas gerações de jovens com discursos ideológicos contrários à construção cultural fundamentada na poupança e no investimento, visando a resultados positivos no cenário futuro. Em essência, essa narrativa forneceu a base teórica para estruturar a metajurisprudência, que se infiltrou na mentalidade intelectual de maneira implícita, aparente e frequentemente não expressa nos manuais e na própria legislação. O desdobramento disso resulta em uma transformação abstrata que se materializa na realidade financeira e institucional, demandando uma análise mais aprofundada desse fenômeno

brasileiro.

03 – A história e a excelência: mapeando a realidade

Sob uma perspectiva histórica, é inegável que, ao almejar uma compreensão objetiva da realidade, torna-se imperioso revisitar as obras clássicas da literatura europeia para compreender a gênese da concepção de que a transformação da vida pessoal por meio do conhecimento e a constante busca de aprimoramento são não apenas viáveis, mas essenciais. Nesse cenário, é relevante ressaltar Nicolau Maquiavel como um divisor de águas no pensamento Ocidental. Suas observações perspicazes sobre a realidade, especialmente em sua busca pela “investigação da Fortuna e dos limites que ela impõe à ação humana” (CARVALHO, 2011, p. 73), destacam-se. Maquiavel percebeu que, embora a *Virtù* guie os caminhos, ela não determina necessariamente os resultados. Isso, pois, “para Maquiavel não há bem ou mal em si: somente existem situações em que uma boa ou má coisa comportam-se de uma maneira ou de outra, pois o que conta é a adequação da maneira (do modo) às necessidades, à ‘qualidade dos tempos’” (DOSSE, 2007, p. 225). E continua o pensador renascentista: “[...] e porque o nosso livre-arbítrio não desapareça, penso poder ser verdade que a fortuna seja árbitra de metade de nossas ações, mas que, ainda assim, ela nos deixe governar quase a outra metade” (MAQUIAVEL, 1996, p.133). Em outras palavras, é vital compreender historicamente a realidade conforme se apresenta, sem ilusões, reconhecendo que, em muitos casos, considerações morais e éticas cedem espaço para influenciar a gestão da vida, englobando inclusive os aspectos financeiros e comerciais. Esse profundo entendimento nos conduz a uma reflexão sobre a educação em sua forma mais sublime, onde a busca pela excelência atinge seu ápice. Conforme expresso de maneira eloquente, a verdadeira educação completa se materializa quando o indivíduo consegue harmonizar em si três aspectos distintos, mas igualmente cruciais: “combinar ‘o olho do cortesão, a língua do letrado, o gládio do guerreiro’, educação que primava pelo alcance do mais alto nível de excelência” (PIEREZAN, 2004. p. 141). Essa visão de aperfeiçoamento pessoal transcende a mera aquisição de conhecimento educacional acadêmico, abrangendo a capacidade de apreciar a beleza e a cultura, a habilidade de comunicar-se de forma sofisticada e a coragem de agir com determinação quando necessário.

Assim, a excelência profissional sobre-excede os limites formais, transformando-se em uma jornada de autodescoberta e aprimoramento contínuo, como sabiamente delineado pelos antigos pensadores: “um homem prudente deve assim escolher os caminhos já percorridos pelos grandes homens e imitá-los” (MAQUIAVEL, 1996, p. 44), possuindo a habilidade de “amoldar as coisas” (p. 45) conforme melhor convier. Essa é a *verità effettuale* – a verdade efetiva das coisas (SADEK, 2002, p. 17). Tal verdade se evidencia pelo fato incontestável de que “sempre se recorre aos conselhos e remédios dos antigos” (MAQUIAVEL, 1994, p. 17), seja no âmbito das leis, da medicina, ou, por que seria diferente, na busca das virtudes que devem nortear o homem em sua jornada pela excelência. Essa compreensão é fundamental para desvelar a origem do mundo aprimorado em que vivemos atualmente, uma vez que a liberdade tem sido e continua a ser um dos pilares da civilização.

No percurso de aprimoramento e busca pela excelência individual, a *Opção preferencial pela riqueza* (PENNA, 1991) da cultura e do passado mantém sua relevância. É notável que o sistema formal de ensino acadêmico, em grande medida, parece inclinar-se para a ausência de liberdade e virtude individual (FERRAZ, 2022, p. 79), uma antítese que ecoa na afirmação do filósofo Mario Ferreira dos SANTOS (2012, p. 106): “A universidade não pode servir ao barbarismo [...] se queremos que nossa cultura permaneça”. A liberdade irrestrita conduz ao

sonho sem limites, cuja materialização se dá por meio de propósito e determinação. Os dados recentes (PLIGHER, 2023) informam que o recuo civilizacional aumenta quando nos aproximamos dos estímulos à tristeza profissional/educacional (BARROS *apud* LACERDA, 2021). Uma recusa em saber mais que impacta gerações inteiras de profissionais. Esse fenômeno manifesta-se como um ressentimento – histórico, econômico, financeiro, filosófico etc. – que culmina em uma série de consequências negativas, tais como “crescimento da ilegalidade; perda de disciplina econômica e autocontrole; expansão dos impostos, da burocracia do governo e da regulação; declínio da educação; enfraquecimento dos fundamentos culturais e perda de respeito pela tradição; crescimento do materialismo e da imoralidade – desvalorização da vida humana” (ROSSITER, p. 102). Este cenário configura-se como um tipo de falecimento ideológico juvenil, levando milhares de jovens a dissiparem suas energias em vaidades, vícios, consumismo e ressentimento intelectual, privando-os daquilo que o patrono da filosofia, Sócrates, destacou como essencial para o verdadeiro saber do futuro: “jamais se contentou com as opiniões estabelecidas, com os preconceitos de sua sociedade [...]” (CHAUÍ, 2005, p. 09). “É a falta de garra, de ambição, da noção de que se deve lutar pelo seu futuro” (CENTA, 2016), uma condição que impacta de forma direta as profissões, a economia e a dinâmica do mercado.

Libertar-se do *Mito da caverna* – onde Platão receava ser condenado por proclamar a verdade – representa um desafio considerável, especialmente para os jovens e, ainda mais, para os profissionais contemporâneos. Essa resistência em livrar-se das falsas imagens resulta na carência de perspectivas filosóficas e práticas para a solução de questões cotidianas, como a capacidade de sonhar e planejar o futuro. Essas afirmações encontram respaldo em dados recentes que apontam que uma parcela significativa de bilionários não necessariamente possui diploma universitário, como ilustrado pelos “15 nomes da lista Forbes que não possuem ensino superior” (ANDRADE, 2020). Isso sugere que a excelência não é meramente um objetivo a ser alcançado, mas sim um estado de espírito a ser cultivado: “tem a ver com encontrar um nicho de mercado, inventar um novo produto, talento, empreendedorismo. Educação não te dá isso” (O GLOBO/GAZETA DO POVO, 2015). Possivelmente, a maior dificuldade reside em romper com o hábito de “pautar sua vida pela lavagem cerebral pela qual passou dentro do sistema de ensino” (AUGUSTO, 2022). A incessante busca pela excelência é o que nos impulsiona a crescer, aprender e contribuir de maneira significativa para o mundo ao nosso redor. Este contínuo desejo de conhecimento não apenas nos empodera, mas também nos resguarda contra os males e artimanhas que podem surgir em nosso caminho. Nas sábias palavras de Maquiavel – um divisor histórico ao atribuir ao indivíduo capaz a responsabilidade pelo sucesso –, “a pouca prudência dos homens não descobre o veneno que está escondido nas coisas que bem lhes parecem ao princípio [...] portanto, aquele que, num principado, não conhecer os males na sua origem não é verdadeiramente sábio” (MAQUIAVEL, 1996, p. 84). Desse modo, a procura pelo conhecimento não apenas ilumina nossos caminhos, mas também nos capacita a discernir entre o bem e o mal, guiando-nos na tomada de decisões informadas e inovadoras, tanto para nosso benefício pessoal quanto para o bem da sociedade como um todo (HOSS e PIEREZAN, 2021).

A compreensão dos fundamentos históricos que levam a uma formação mais abrangente possibilita uma melhor apreensão dos conceitos de receptividade em relação às inovações e tecnologias. Sem esse entendimento, a capacidade de inovação torna-se imprevisível (DIAMOND, 1997, p. 04). A insistência em negar a importância do conhecimento financeiro e

da formação profissional, por sua vez, obstrui a disseminação do saber nessa área, tornando-a progressivamente menos receptiva aos olhos da maioria dos jovens estudantes e dos profissionais já existentes, exemplificado pela diminuição gradual da liberdade de trabalhar e a regulamentação das profissões (BRAGANÇA, 2017). Desse modo, o discurso/narrativa sobre a proteção/regulamentação do trabalho também gera um *habitus* (BOURDIEU, 2005), que combinado produz uma *doxa* (BOURDIEU, 1996, p. 265) – opinião – retroalimentando diretamente os hábitos e os costumes financeiros, especialmente nos investimentos e no modo como os indivíduos se relacionam com a sociedade para empreender e investir no mercado financeiro. Isso resulta em um crescimento mais lento dos investimentos financeiros e das carreiras, levando o Brasil a uma situação em que a bolsa de valores brasileira registra 53% de investidores estrangeiros e apenas 16,5% de pessoas físicas em 2022 (AGRELA, 2022). As possibilidades de comportamentos relacionados à decisão na carreira e nas finanças não se limitam a tornar-nos indivíduos mais instruídos, mas também transformar-nos em seres humanos mais compassivos, cultos e corajosos. Em teoria, a racionalidade caminha *pari passu* com percepções cognitivas, as quais influenciam diretamente a construção dos cenários financeiros em toda a sociedade. Ao integrar harmoniosamente esses elementos, não apenas alcançamos o pináculo de nossa própria realização, mas também desempenhamos um papel fundamental na construção de uma sociedade enriquecida em conhecimento, cultura e integridade. Nesse contexto, a educação se revela uma força transformadora que não somente molda o nosso destino pessoal, mas também direciona o curso do nosso mundo, fomentando o empreendedorismo, os investimentos e, conseqüentemente, o desenvolvimento da civilização. À luz da sabedoria dos pensadores antigos, emergem preceitos orientadores que nos servem como bússola em momentos cruciais, permitindo que o poder interior acumulado floresça, assemelhando-se a uma obra de arte, como um poema ou uma pintura. O verdadeiro autoconhecimento se revela como a arma essencial em nossa batalha contra o mais formidável de todos os inimigos: as circunstâncias adversas. Isso, pois, os sistemas educacionais visam inspirar e “produzir um certo tipo de ser humano” (BLOOM, 1989, p. 31), com um *habitus* muitas vezes em oposição à própria civilização. Nesse cenário, lembramos as sábias palavras de Maquiavel, que nos ensina que as oportunidades frequentemente nascem do caos e que podemos encontrar inspiração nos melhores entre nós para triunfar sobre as intempéries:

Os homens andam, quase sempre, por caminhos já trilhados por outros e agem por imitação. Mas não podem seguir em tudo aquele que tomam por modelo, nem às suas qualidades acrescentar algo; devem, entretanto, os homens prudentes seguir as pegadas dos varões insignes e imitá-los, e, embora não cheguem a igualá-los, que procurem, ao menos, aproximar-se deles (MAQUIAVEL *apud* OLIVEIRA e LIRA *et al*, 1992, p. 46)*.

Os antigos buscavam referências nos melhores e mais virtuosos, chamados de espelhos de príncipes, teorias que visavam oferecer exemplos morais, éticos e econômicos aos indivíduos (PIEREZAN e MORAIS OLIVEIRA, 2023). Entretanto, parte do discurso educacional

* MACHIAVELLI, Niccolo. O príncipe. 27ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 44. O mesmo trecho em outra tradução: “Os homens trilham quase sempre estradas já percorridas. Um homem prudente deve assim escolher os caminhos já percorridos pelos grandes homens e imita-los; assim, mesmo que não seja possível seguir fielmente esse caminho, nem pela imitação alcançar totalmente as virtudes dos grandes, sempre se aproveita muita coisa”.

e, em grande medida, “os meios de vulgarização intelectual de nossa época, periodismo, rádio, televisão, o teatro e o livro estão infestados da mais desenfreada propaganda do inferior e do primitivo” (SANTOS, 2012, p. 30), projetando a falsa imagem no fundo da caverna de que não existe ninguém virtuoso para servir de modelo, a ponto de inverter completamente os valores que orientam o conhecimento e a busca pelo aperfeiçoamento individual. Isso chega ao extremo de hoje, em suma, caricaturizar “o sábio, do mesmo modo que os senhores da nobreza, outrora, caricaturizavam o homem de negócios, o mercador, o banqueiro, o industrial de origem plebeia” (SANTOS, 2012, p. 96). E esse é um problema sério de proporções gigantescas que precisa ser enfrentado, pois, conforme destacou o brasileiro José Osvaldo PENNA (1991, p. 06) “não basta aceitar a ideia de um mercado competitivo”, é preciso ir além, exatamente porque “as tradições morais constituem as bases indispensáveis de uma civilização livre” (HAYEK *apud* PENNA, 1991, p. 06). Em sentido análogo, outro autor brasileiro, RODRIGUEZ (1989, p. 154) – que analisou as *Características do povo brasileiro* – alertava que “nossas insuficiências espirituais, nossas características psicossociais acompanharam nossa insuficiência econômica”. RODRIGUEZ (1989, p. 154), e continua afirmando que “o jogo é funcional, e mútua a interdependência do comportamento. Sem rejeitar o passado [...] pois a condenação do passado significa a Revolução”. Isso, pois, durante os séculos de transição entre a Idade Média e a Modernidade o humanismo usou o conhecimento “clássico para alimentar o seu novo interesse pela vida”, tendo sido este “um empreendimento de reforma moral e intelectual que se pode resumir em uma fórmula: ‘a criação do mais alto tipo de humanidade’” (CORVISIER *apud* LOPES, 1997, p.25)

Portanto, ao acolher o autoconhecimento e nos inspirarmos nos feitos dos notáveis, não apenas enfrentamos as adversidades com maior resiliência, mas também buscamos alcançar a grandeza que reside dentro de cada um de nós. Dessa forma, construímos um futuro que não é apenas moldado pelas circunstâncias, mas forjado por nossa própria determinação e capacidade de superação. Buscamos, assim, uma visão mais universal, deixando um pouco de lado a aridez da “especialidade” para evitar e prevenir transformarmo-nos em “um monstro que vê tudo segundo a cor da sua profeta” (SANTOS, 2012, p. 97). Nossa jornada transforma-se não apenas em uma resposta às incertezas do mundo, mas em um testemunho vivo da força inquebrantável do espírito humano, capaz de moldar destinos e deixar uma marca indelével na história.

04 – O dinheiro e a riqueza no tempo: o aprendizado das escolhas responsáveis

Numa sociedade aberta, os poucos escolhidos entre os muitos chamados deveriam ser escolhidos com base no mérito; a idade é um critério tão irrelevante quanto o nascimento (YOUNG, 1961, p. 79).

E não é apenas o dinheiro que muda sua vida, é o que você faz com o dinheiro, é a mudança do estilo de vida. [...] Se houvesse no colégio as matérias riqueza 1 e riqueza 2, eu teria me inscrito nos dois cursos (ROHN, S/D, p. 07).

Para gerentes de organizações, o conhecimento prático é muito importante, mas difícil de expressar em palavras. Trata-se de um conhecimento tácito. Aliás, todo conhecimento possui uma dimensão tácita (HOSS e ROJO et al., 2023, p. 24).

Escrever sobre o dinheiro é mais do que um relato de transações financeiras; é uma jornada que nos leva a explorar o “estado de espírito” (LE GOFF, 2014, p. 243) que definiu um

sistema de organização econômica na Europa Ocidental, um conceito muito mais abrangente do que o “espírito do capitalismo” apresentado por Max Weber e analisado no início deste trabalho. Esse “estado de espírito” identificado por Jacques Le Goff carregava consigo uma motivação clara: reunir práticas mais livres para “contornar regulamentações” da época medieval, almejando, assim, escapar do controle excessivo e conquistar a liberdade para negociar, empreender, cobrar juros e prosperar. Segundo Nicole BÉRIOU (1997, p. 268), esse é o momento crucial na história, pois o “espírito do lucro” passa a se situar entre o vício e a virtude. Conforme expresso em um documento do século XIV, “o homem pecador sai de *Betânia, a casa da obediência*, por infringir os preceitos de Deus para lucrar com o mundo” (FRANCO, 2017, p. 249), nos seguintes termos: “recuamos sempre que quebramos os mandamentos de Deus para obter algum bom lucro” (SANCTI VICENTII FERRARII *apud* FRANCO, 2017, p. 249)*. Com as bases estabelecidas para o desenvolvimento de um modelo de conduta adaptado a uma nova realidade que começa a se formar, Fernand Braudel frisou que esse “fenômeno apareceu desde o século XII pelo menos nas cidades que tende a considerar além disso a noção de valor na Idade Média” (BRAUDEL *apud* LE GOFF, 2014, p. 243).

Nesse período histórico, não havia, em tese, uma economia independente como a conhecemos hoje, uma vez que tudo estava imbrincado num conjunto orientado pela religião cristã. O dinheiro e os lucros que ele poderia gerar ainda não eram totalmente aceitos e disseminados. Isso ocorria em grande parte devido à condenação do uso do dinheiro por algumas autoridades da época, que propagavam a ideia para todas as esferas da vida – literatura, poesia, música e teatro – de que “*Fenus pecunzae, funus est animae*”, ou seja, “O lucro usurário do dinheiro é a morte da alma. A usura é a morte” (LE GOFF, 2004, p. 29). A partir desses trechos de documentos medievais, percebe-se a existência de uma nova lógica de pensar e agir, mas também observa-se uma censura à riqueza e àqueles que a possuíam. No final do século XIII, havia uma diversidade de sermões nas igrejas e na literatura que denunciavam o “espírito de lucro que levava ao amor imoderado às riquezas” (BÉRIOU, 1997, p. 269), num verdadeiro combate contra a riqueza e a todos que escapavam à miséria. Isso representava um freio moral que exaltava a pobreza e a distribuição da riqueza entre os pobres, gerando uma desconfiança em relação à riqueza e uma espécie de “efervescência da miséria” (DUBY, 1998, p. 33). Em certa medida um apego à pobreza e um medo da riqueza.

Estes “medos de ontem e de hoje” (DUBY, 1998, p. 13) são legítimos para análise, como enfatizou o historiador Georges Duby, ao conceituar sobre a importância de um verdadeiro “paralelo legítimo”. É na elaboração teórica desse paralelo legítimo entre diferentes temporalidades que a exaltação da pobreza na Idade Média ecoa ainda nos dias de hoje na era da tecnologia digital. Por sua vez, os homens medievais conseguiram transcender o “bloqueio moral” e superar, em parte, esse medo da pobreza ao nos legarem a liberdade de mercado, o capitalismo, a democracia e a civilização que conhecemos hoje. Apesar de terem furado um “bloqueio moral” semelhante ao papel desempenhado pelo cinema, mídias e novelas no século XXI, os homens medievais lograram êxito diante desse “freio moral” e deixaram como legado a liberdade de comércio que persiste hoje. Nesse contexto de ruptura, esses movimentos pela liberdade foram fundamentais para o surgimento dos mercados, do mundo das finanças e do capitalismo em uma velocidade e durabilidade inimagináveis. Esse fenômeno foi viabilizado pela limitada eficácia do poder senhorial da época medieval. Em um

* “[...] per peccatum nos recidimus de Bethania, quae interpretatur Domus obidientiae; a qua recidimus quandocumque praecepta Dei frangimos pro aliquo bono lucro habendo. In quo recessu debet esse fletus”.

paralelo legítimo, observa-se que na Idade Média as formas artísticas – teatro, poesia, literatura, pintura e música – desempenhavam um papel muito semelhante ao que o cinema, as mídias e as novelas exercem hoje, moldando imagens, comportamentos e visões de mundo de forma imperceptível e mecanicamente reproduzida pelos indivíduos.

No mundo contemporâneo, poucos elementos da lógica financeira são destacados nos teatros, nas novelas e na educação*. Os intelectuais de hoje pouco questionam sobre o que ocorre nesses espaços de poder e influência, que alteram comportamentos e hábitos financeiros e econômicos de uma população inteira, pois “até mesmo o tirano nunca governa apenas pela força; mas majoritariamente por contos de fadas” (CHESTERTON, 2023, p. 35). No entanto, é crucial pontuar algumas mudanças decisivas entre a Idade Média e o mundo de hoje que fazem toda a diferença: “o senhor feudal não tinha quase poder nenhum, se comparado com um governante atual, ele tinha mais *direitos* por lei, mas não *meios* de exercer o poder” (CARVALHO, 2020). Devido a essa diferença crucial, a liberdade presente e a ausência de poder centralizado no período medieval foram os grandes responsáveis pelo surgimento dos mercados, do mundo das finanças e do capitalismo em uma velocidade inimaginável e duradoura, principalmente porque, como afirmou Jacques Le Goff, os meios para “contornar regulamentações” foram facilitados pela ausência de um poder autoritário e centralizado no período medieval.

Hoje, é preciso buscar inspiração e confiança nas lições do passado (DUBY, 1998, p. 13) e o paralelo histórico legítimo com a Idade Média pode auxiliar na busca pelas “pistas de nossos medos” (DUBY, 1998) mais frequentes em nosso tempo. Seguindo esse rastro teórico e metodológico deixado por Georges Duby, é possível observar que a aversão aos valores associados à liberdade e à prosperidade proporcionados pelo ainda jovem mercado era amplamente difundida por algumas poucas figuras de autoridade que exerciam influência e/ou domínio sobre as “mídias” da época medieval, abrangendo as artes, a literatura, o teatro, a religião e outras formas culturais. Entretanto, em tese, essas autoridades medievais ainda não possuíam os mecanismos efetivos para exercer esse poder de controle absoluto, o que propiciou o surgimento do modelo de capitalismo financeiro que prevalece no século XXI. É importante notar que, na “pista de nossos medos” (DUBY, 1998), essa tradição persecutória em relação à riqueza e aos ricos persiste de alguma maneira até os dias atuais: “o capitalista está no banco dos réus hoje” (CHESTERTON, 2023, p. 89). Essa tradição persecutória também manifesta-se implicitamente nas produções cinematográficas e na educação formal, que frequentemente adotam e reproduzem agendas contrárias às liberdades individuais e ao progresso viabilizado pelo capitalismo financeiro contemporâneo, além de estimular desinformação acerca do sistema financeiro, disseminando temores em relação à riqueza.

A persistente repetição dessas narrativas evoca temores, como indicado por SANTOS (2012, p. 46), ao afirmar que “o excesso da repetição em todos os setores impede maior desenvolvimento cultural”. Isso sinaliza claramente que as narrativas fílmicas, literárias, científicas e educacionais empregadas não almejam incluir os menos favorecidos no sistema financeiro, mas sim focalizar na redução da riqueza dos mais abastados. O artigo conclui de maneira genérica que “os ricos estão se beneficiando de três tendências” e continua observando que “é a primeira vez que a riqueza e a pobreza extremas aumentam simultaneamente em 25 anos” (LUHBY, 2023), conforme citado no artigo.

* Diferentemente do que acontece em países desenvolvidos, como exemplo as novelas sul-coreanas, produzidas no país que possui os melhores índices educacionais do planeta, surpreendem por dar uma ênfase notável à educação em suas tramas, uma verdadeira fixação pela educação – financeira, econômica, cultural, moral.

Contraditoriamente, o mesmo artigo reconhece que o aumento da riqueza dos mais ricos também resultou em um acréscimo na riqueza dos mais pobres, de acordo com a participação dos mesmos, nos seguintes termos: “o 1% mais rico capturou quase duas vezes mais riqueza [...] Sua fortuna aumentou US\$ 26 trilhões, enquanto os 99% mais pobres viram seu patrimônio líquido aumentar apenas US\$ 16 trilhões” (LUHBY, 2023). Em uma leitura mais atenta e sem uma lupa ideológica, é possível ver que cada grupo ou “classe” social aumentou o patrimônio líquido, conforme as participações que cada um representa. Mas a tendência dita “isonômica” é ver inclusive na melhoria a desigualdade, como se a todo o momento e circunstâncias o princípio constitucional brasileiro devesse ser aplicado literalmente: “dar tratamento isonômico às partes significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida de suas desigualdades (NERY JUNIOR, 1999, p. 42)” (BARRETO, 2010).

Essas concepções pouco otimistas e recorrentes em relação à riqueza exercem uma irresistível fascinação nas mentes forçadas a verem os *mitos projetados na parede do fundo da caverna*. Teorias estas que buscam fortalecer a passagem de uma economia monetária para uma economia dependente do Estado, sendo o medo a força motriz para causar torpor principalmente naqueles que auferem as “benesses do Estado” (ESPIRITO SANTO, 2022). Nesse temeroso risco constantemente exemplificado em modelos explicativos e teses, o sistema financeiro e o crescimento da riqueza passam a caminhar na direção inversa do desenvolvimento e do aprendizado, visto que a desinformação passa a ser a tônica ao transformar os menos abastados – sempre referenciados como “pobres” – como vítimas de uma parcela diminuta de ricos da sociedade, desestimulando cada vez mais a procura pela riqueza financeira, profissional e moral. Em vez de “lapidar sua mentalidade” (MARÇAL, 2023, p. 14) para uma vida de riqueza, projetando “que sabedoria vertical é a intimidade com Deus” (MARÇAL, 2023, p. 35), opta-se pelo repúdio e censura à riqueza. Essa linha de raciocínio foi demonstrada em um recente artigo de Daniel Lacalle, que expressa a seguinte visão: “o enfoque na desigualdade serve apenas para enriquecer os redistributivistas” (LACALLE, 2019), uma vez que “em 1990, 35% da população mundial viviam na pobreza extrema. Hoje, essa cifra caiu para 10,7%, segundo o Banco Mundial” (LACALLE, 2019). Para o autor, é imperativo “erradicar a pobreza, e não destruir a riqueza”.

A força política devastadora de mentalidades revela o grande drama de vida ou morte dos povos, sendo que o grande dilema entre a vida e a morte de um modelo de sociedade está naquele “que decide a sorte das culturas” (FREYRE, 2010, p. 36), geralmente na exaltação “de tudo quanto em nós afirma a animalidade [...] há sempre uma tentativa de desmerecer a inteligência em seus aspectos mais elevados” (SANTOS, 2012, p. 21). Assim, pode-se considerar, com certa margem de obviedade, que a censura à riqueza e aos que a detêm tem raízes profundas no passado aristocrático medieval e continua a se manifestar nos dias atuais. Essa tendência se reflete em diversos meios de comunicação, abrangendo formas escritas, faladas, fílmicas e educacionais. À guisa de exemplo, destaca-se, dentre tantos, um artigo científico publicado em 2019, cujo título revela a prevalente inclinação ao afirmar que “a grande riqueza e a grande pobreza são igualmente patológicos para a sociedade” (DOWBOR, 2019)*. Essa assertiva incisiva possui uma linguagem singular, porém, pode ser comparada às

* Em uma busca simples por artigos científicos/acadêmicos, é evidente o número expressivo de trabalhos que empregam a terminologia “riqueza x pobreza”. A título de exemplo, o artigo intitulado “Filme A Bolsa ou a Vida retrata a desigualdade social no Brasil”, publicado no site do **Grupo de Estudos Dirigidos em Administração Financeira – GEDAF**. O referido, que analisa o filme “A bolsa ou a vida”, lançado em 2021, apresenta a seguinte assertiva: “o filme é o manifesto de intelectuais contra a excessiva concentração de riquezas no Brasil e a exclusão

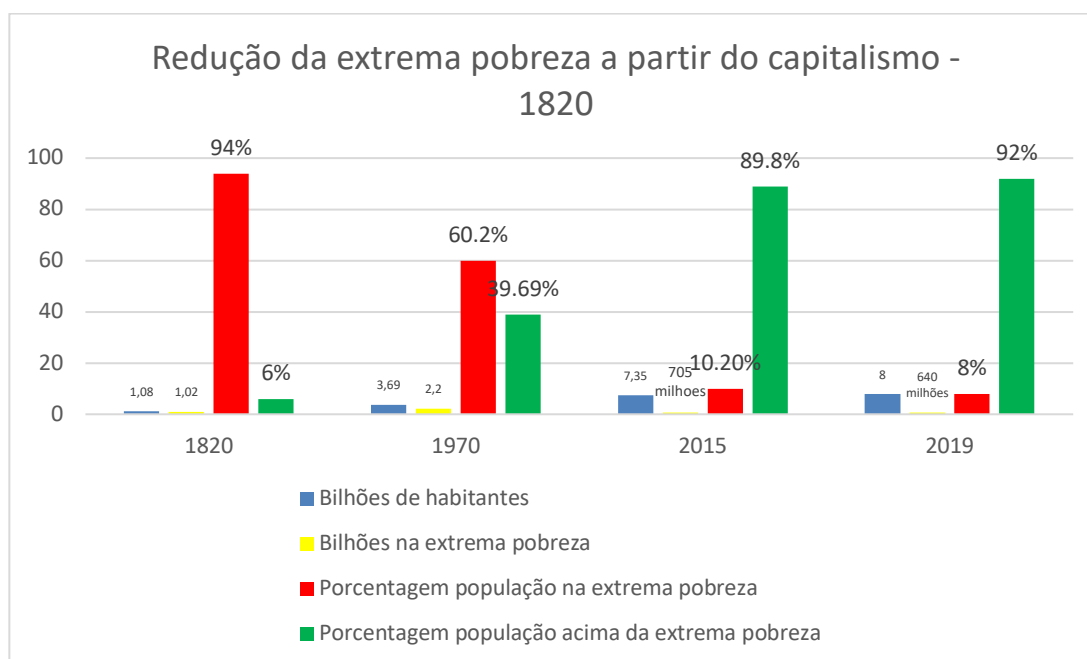
narrativas do século XIII medieval, conforme descrito pelo medievalista Jacques LE GOFF (2004, p. 09): “é uma narrativa breve, dada como verídica e destinada a [...] convencer um auditório com uma lição salutar [...] o que o pregador oferece [...] deve trazer a salvação. É a chave para o Paraíso”. Nessa “lição salutar”, apenas os pobres humildes e vitimizados eram dignos e alcançavam o Paraíso. Na mesma linha de pensamento medieval, aqueles que amealhavam riqueza eram condenados ao fogo eterno do inferno por cobrarem juros e/ou obterem lucro. A pobreza era desejada, como evidenciado em outro documento da época medieval: “estou pobre como você me desejava” (LE GOFF, 2004, p. 83). Apenas os pobres e suas virtudes eram enaltecidos. Somente os pobres eram dignos de louvor. No século XXI, os detentores de riqueza ainda enfrentam condenações sociais e institucionais, sendo fortemente acusados de serem responsáveis pela miséria alheia, degradar o meio ambiente, causar fome e outras mazelas sociais. Essas visões caricaturais e estereotipadas da realidade financeira e da pobreza permeiam diversos ambientes teóricos, inclusive no cinema, onde alcançam uma grande audiência, principalmente devido ao seu poder de influenciar de maneira mais eficaz nossas percepções e atitudes em relação ao dinheiro e ao sucesso financeiro.

Na verdade, o entrave ao crescimento econômico dos menos abastados reside no excessivo poder do Estado, que patrocina diversas iniciativas que dificultam o progresso individual. É evidente que “em todos os tempos o proletário só conseguiu erguer-se um pouco acima da sua pobreza, quando, por si mesmo, pelo seu trabalho, pelo seu esforço [...] *e/le mesmo criou a riqueza para si*” (SANTOS, 2012, p. 145). Esse embate entre riqueza e pobreza se manifesta nas diversas facetas e expressões da sociedade. Curiosamente, a riqueza ainda parece carregar consigo um valor depreciado, decaído e menor, como ilustrado, por exemplo, no filme brasileiro intitulado “Quanto vale ou é por quilo”. O filme estabelece um paralelo entre a pobreza e riqueza, destacando a cobiça de organizações não governamentais (ONGs) ao captar recursos do governo e empresas, revelando transações permeadas por “muitas irregularidades e crimes, como superfaturamento, desvio de verbas e contas fantasmas. Tudo em nome dos excluídos” (RECOARO, 2010, p. 06). Essa obra cinematográfica faz alusão à forma como o dinheiro transita entre o vício e a virtude (BÉRIOU, 1997), assemelhando-se às descrições medievais anteriores ao advento do capitalismo (LE GOFF, 2014, p. 56). Nesse contexto, torna-se evidente uma certa ojeriza cinematográfica e acadêmica aos ganhos financeiros e à riqueza. Isso apenas reflete a percepção da realidade existente, onde nas palavras de CAMPOS (*apud* PIEREZAN, 2021, p. 01) “os Estados brincam de empresários e os empresários brincam de Estado”, desconsiderando o fato de que “o mercado é a grande solução para a pobreza [...] **O respeito ao criador de riqueza é o começo da solução da pobreza**” (CAMPOS *apud* PIEREZAN, 2021, p. 01). Entretanto, os novos “monges/intelectuais” da ciência teorizam sobre a pobreza e rotulam os “burgueses” como condenáveis ou destinados ao “inferno”, muito semelhante às condenações proferidas na Idade Média. Essa perspectiva é permeada pela concepção do “deus infernal da riqueza”, oriunda de Dante Alighieri, que associa, na mitologia, o deus dos mortos, Hades, à “riqueza que brota do chão”.

Diferentemente do que se convencionou aceitar como verdade absoluta e inquestionável, alguns poucos especialistas começaram a ponderar que “graças a uma maior liberalização econômica, à abertura da economia, e a um maior grau de capitalismo, milhões de pessoas pobres saíram da pobreza, outros milhões se juntaram à classe média, e alguns

da população mais pobre”. Para obter mais informações, consulte o texto disponível em <https://www.gedaf.com.br/filme-a-bolsa-ou-a-vida-retrata-a-desigualdade-social-no-brasil/>

poucos, graças ao progresso, se tornaram milionários” (LACALLE, 2019). Nas palavras de Ludwig von MISES (1979, p. 08), “duzentos anos atrás, antes do advento do capitalismo, o *status* social de um homem permanecia inalterado do princípio ao fim de sua existência [...] se nascesse pobre, pobre seria para sempre; se rico – lorde ou duque –, manteria seu ducado, e a propriedade que o acompanhava, pelo resto dos seus dias”. Esse ponto de vista encontra respaldo no gráfico abaixo, o qual ilustra de forma eloquente a redução da pobreza no mundo após o avanço do capitalismo em diversas formas de organização social:



Dados aproximados extraídos de fontes (DINIZ, 2017) e (UNFPA, 2023)*

A representação gráfica que demonstra a redução da pobreza com o advento do capitalismo em 1820 constitui apenas uma parcela da extensa e notável batalha envolvendo as aristocracias, que combateram o capitalismo e falsificaram a história (PENNA, 1991, p. 11) para manter seus privilégios exuberantes, muitas vezes vinculados ao Estado – a única entidade capaz de impor tributações e restrições ao livre comércio e à indústria usando a força coercitiva. A ascensão dos empreendedores burgueses na História possibilitou o enriquecimento individual e, ao mesmo tempo, levou sociedades inteiras à melhoria nas condições de vida, dando origem a dicotomia evidente: “Quem é grande não procura ocupar o cargo grande. Quem realmente é grande cria para si a própria grandeza” (SANTOS, 2012, p. 143). Essa controvérsia tem raízes profundas, remontando à luta travada pelos usuários na Idade Média para sobreviverem. Esses eram indivíduos que emprestavam dinheiro a juros, almejando, por um lado, aumentar suas fortunas ao longo do tempo, e, por outro, permitir que pequenos comerciantes se libertassem da dependência aristocrática imposta pelos senhores feudais, que os prendia à terra e aos seus próprios domínios. O primeiro, o usuário medieval, inicialmente associado aos judeus, e o segundo, um burguês, “de quem a usura é

* Também foram consultados sites oficiais que apresentam dados estatísticos sobre a situação da pobreza no mundo, disponíveis em <https://ourworldindata.org/poverty> e disponíveis em <https://pip.worldbank.org/home>

mais ou menos a filha, destrona, na hierarquia dos sete pecados capitais, a superbia, o ‘orgulho’, pecado feudal – o usurário, especialista em empréstimo a juro”, que passa a ser ao mesmo tempo “um homem necessário e detestado, poderoso e frágil” (LE GOFF, 2004, p. 06). Portanto, desde a Idade Média até a Revolução Industrial na Inglaterra, observou-se a proliferação de mitos que giravam em torno da degradação e exploração das condições de trabalho e da mera subsistência das massas trabalhadoras. Essas narrativas criadas pela grande aristocracia engendraram um mito ainda mais amplo, o de que os ricos estavam se tornando progressivamente mais abastados, enquanto os pobres estavam cada vez mais pobres. Essa herança trágica perpetuou a visão negativa sobre os capitalistas, rotulando-os como “[...] trabalhadores intelectuais [...] ociosos, parasitas e preguiçosos”, como revelado por PENNA (1991, p. 11).

É metodologicamente indispensável considerar que a ordem social e a melhoria na vida de grande parte da população mundial estão intimamente associadas ao aumento de indivíduos competentes na sociedade. Mas o que exatamente seriam essas competências e de que maneira elas impactam diretamente a melhoria na vida de um grande número de pessoas? Esta lógica está vinculada ao desenvolvimento de habilidades ocupacionais e sociais, ao mesmo tempo em que a falta de competência leva à ressentimento e provoca desordem social – nas empresas, nas instituições, nos organismos e na vida pessoal –, inclusive tornando-se um obstáculo para a superação da situação desfavorável por parte desse indivíduo. É certo que todos os seres humanos são capazes de “escolher entre alternativas; fazer as coisas acontecerem; agir com propósitos; agir com independência; tomar conta de suas próprias vidas” (ROSSITER, 2016, p. 19). O que frequentemente ocorre são teorias de natureza histórico-materialista que atribuem à teoria política uma ligação necessária entre o predomínio das forças de produção, e a disparidade entre ricos e pobres. No entanto, essas teorias, frequentemente fundamentadas no ressentimento, negligenciam o fato de que as pessoas, com liberdade individual, devem poder viver suas vidas como desejarem (ROSSITER, 2016, p. 20), especialmente se reunirem as seguintes habilidades:

Pessoas que conseguem fazer as coisas acontecerem são conhecidas por sua iniciativa; Pessoas que conseguem agir com propósitos são conhecidas por sua atuação; Pessoas que conseguem agir com independência são conhecidas por sua autonomia; Pessoas que são competentes para decidir o que é bom e o que é ruim para si mesmas, e que conseguem tomar conta de suas próprias vidas, são conhecidas por sua soberania pessoal (ROSSITER, 2016, p. 20).

É incontestável que todos os indivíduos em uma sociedade nascem reconhecidos como cidadãos aptos e soberanos; no entanto, o esforço intelectual para persuadir esse indivíduo livre de sua suposta incompetência é considerável, especialmente para convencê-lo de que alguém deve dirigir e controlar a vida de todos os indivíduos. Essa “entidade” maior é conhecida como “Estado Parental Moderno” (ROSSITER, 2016, p. 420), geralmente composta por burocratas que se atribuem o direito de guiar a vida e resolver os problemas da coletividade. Os equívocos nesse sentido se avolumam, principalmente porque os meios de produção em posse dos ricos não permanecem apenas em suas mãos; a riqueza se reproduz prolificamente na produção de bens e serviços que são vendidos e renegociados no mercado. Talvez o pensador que mais se aproximou da lógica de mercado tenha sido Ludwig von Mises, pejorativamente rotulado por seus opositores como responsável pelo “individualismo metodológico” (NETO, 2021, p. 413). Dentro da lógica do modelo de *Benchmarking* (SEBRAE, 2022), a incoerência do materialismo dialético é desmistificada por um simples exemplo

contemporâneo, em que Jeff Bezos é apresentado como um paradigma: “o bilionário foi o homem mais rico do planeta por três anos consecutivos, antes de ser desbancado por Elon Musk” (LIMA, 2022). Jeff Bezos acumulou fortuna ao revolucionar “o mundo dos livros” em meios digitais e ao criar um *marketplace* que comercializa uma variedade de produtos. Portanto, o homem mais rico do mundo não é, na verdade, um “detentor dos meios de produção”, mas um facilitador do acesso a bens e serviços que beneficiaram o mundo inteiro. Ao empreender e canalizar essas energias, acabou se tornando a pessoa mais rica do mundo. A falácia do materialismo dialético foi revelada, pois “todos nós, 100% de nós, nos beneficiamos da riqueza dos odiados capitalistas” (REISMAN, 2015). Isso, pois, estes capitalistas revendem produtos e tecnologias que são desejados – lembrando que a Idade Média condenou o desejo fomentado pelos ricos –, sonhados, almejados, fantasiados e necessários, que acabam sendo adquiridos por uma grande parcela da sociedade. Muitas vezes, essas aquisições invertem as necessidades da *Pirâmide de Maslow* (PERIARD, 2023), atendendo aos desejos antes mesmo das necessidades fisiológicas como alimentação, água e abrigo.

Assim, a narrativa de que a riqueza é sempre um problema não esclarece os pontos essenciais. Teoricamente, há uma tendência e interesses ocultos de parte da grande mídia, das produções intelectuais em geral, dos filmes, das propagandas etc., em mascarar uma realidade evidente, talvez tentando criar e condicionar um grande contingente de pessoas de maneira insistente em uma realidade inexistente. Como sabemos, “só vemos aquilo que nós estamos condicionados a ver. As nossas convicções, o nosso condicionamento limita tudo o que nós vemos” (PETRY, 2023). Essa miopia intelectual/científica não captura a complexidade do desenvolvimento econômico ao longo da história. O capitalismo, com suas imperfeições e desafios, também trouxe inovações, oportunidades de emprego e melhorias nas condições de vida para muitos. Portanto, a relação entre riqueza, pobreza e capitalismo é multifacetada e merece, sempre, uma análise mais aprofundada.

05 – Financeirização da vida: reposicionamentos e continuidades

No início desta pesquisa, destacamos a resistência persistente em relação à valorização do conhecimento financeiro e da formação profissional, sinalizando um alerta sobre as potenciais consequências desse menosprezo, como o baixo crescimento dos investimentos, das carreiras e um acelerado ressentimento individual no Brasil – apesar do “método Barsi” (BALSEMÃO, 2023) ter superado as expectativas e servir de referência de superação para investidores brasileiros. O que ocorreu foi que parte da *Intelligentsia* – Thomas SOWELL (2009, p. 52) utiliza essa expressão para a “elite” intelectual –, desde o final do século XIX, introduziu na cultura e no imaginário das democracias capitalistas de cunho ocidental – em especial o Brasil – uma visão de mundo ou uma mentalidade contrária ao conhecimento pautado na busca constante pelo mérito, pelo mercado livre, pelos investimentos e pelo aperfeiçoamento do setor econômico/financeiro (PENNA, 1991, p. 87). Ao longo do século XX, o sistema político moldou mentalmente gerações, gradualmente minando os fundamentos teóricos e os símbolos da liberdade econômica. Isso levou à crença generalizada de que os indivíduos eram incapazes de gerar sua própria riqueza por meio de investimentos, transferindo essa responsabilidade para o Estado. Nessa dinâmica, os cidadãos passaram a acreditar que o Estado, ao receber contribuições do “investimento pessoal”, deveria administrar esses

recursos, justificando-se pela suposta falta de habilidade do indivíduo em gerir seu próprio dinheiro. Adicionalmente, o Estado, ao assumir esse controle, intensificou sua intervenção na esfera privada dos indivíduos, impondo padrões para comportamentos, casamentos, relacionamentos, lógica de trabalho e investimentos. Isso resultou na subversão das bases das liberdades individuais, comerciais e da própria individualidade (FERGUSON, 2013, p. 13)*.

A hipotética criação de um “mundo ideal” com uma moral supostamente igualitária e ressentida (NIETZSCHE, 1998, p. 63) – operando contrariamente ao capitalismo e às liberdades individuais – revelou-se, na verdade, uma distopia com um espectro controlador. Isso proporcionou material teórico para intelectuais e cientistas – o *establishment* – cada vez mais engajados na consolidação de um mundo tecnocrático/estatal e uma economia planificada. Gradualmente, essa abordagem se fechou a novas possibilidades de compreensão da realidade. A “Estadolatria” (NOGUEIRA, 2021, p. 3) reflete uma tentativa clara de gerar indivíduos cada vez mais ineptos, pouco comprometidos com a moralidade e incapazes de gerir suas próprias vidas. Apenas a título de exemplo, essa tecnocracia luta cada vez mais para restringir, inclusive, a influência dos pais na educação dos jovens, limitando-a “[...] à instrução quanto ao uso de camisinhas” (CARVALHO, 2015, p. 60).

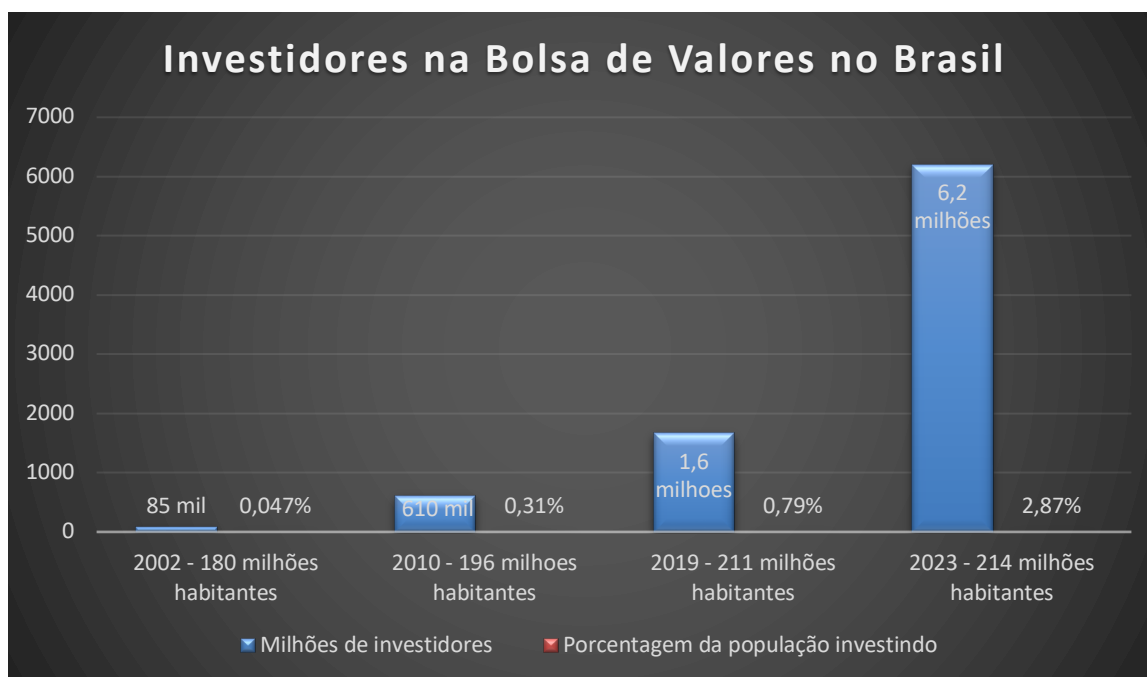
Em uma interpretação mais livre, o esquema de poder político atual não é exatamente uma descrição do real, mas uma representação mental, um projeto com a intenção de agir no plano da realidade. Há uma limitada abertura para o confronto de pontos de vista complementares e opostos, assemelhando-se ao que os poderosos aristocratas da Idade Média tentaram realizar. Isso ocorreu conforme apontado pelo historiador Georges DUBY (1994, p. 14) quando as autoridades da época buscaram subjugar a mentalidade geral a interesses meramente casuísticos e, frequentemente, desconectados da realidade. Ao examinar os documentos da época, DUBY revelou o empenho das autoridades em impor – muitas vezes por meio da força – uma visão de mundo aos súditos e fiéis. A única resistência efetiva veio dos emergentes empreendedores e burgueses, pois estes não estavam totalmente sujeitos aos meios que as autoridades necessitavam para impor integralmente suas vontades.

Mesmo em contextos menos propícios ao avanço profissional dos investidores brasileiros é viável perseguir uma formação financeira e econômica que busque a financeirização da vida. Há oito anos o número de investidores vem crescendo no Brasil, tendo registrado o menor índice de crescimento no primeiro trimestre de 2023 (FERRARI e NASCIMENTO, 2023), além das projeções já anunciadas:

Mais brasileiros estão investindo em produtos financeiros e a perspectiva é que essa trajetória de alta continue. O percentual passou de 31% da população, em 2021, para 36% em 2022 -- e esse novo patamar corresponde a um acréscimo de 8 milhões de brasileiros, totalizando aproximadamente 60 milhões de investidores no país. Para 2023, a projeção é de uma nova alta de 5 pontos percentuais (ANBIMA, 2023).

O salto da população investindo é um indicador promissor de que mais brasileiros estão reconhecendo a importância de cultivar uma postura financeira mais ativa, saindo da tradicional poupança e buscando opções de investimento mais rentáveis, como se pode observar no gráfico abaixo, há muito espaço para crescimento:

* De acordo com FERGUSON (2013, p. 13) alguns termos foram distorcidos: “‘Capitalista’ é uma palavra usada com demasiada frequência como termo pejorativo para ser empregado em companhia de pessoas educadas”.



Dados aproximados extraídos de fontes (FERRARI e NASCIMENTO, 2023); (FERRARI, 2023) (ALVES, 2021); (CASTRO, 2023)*

O fenômeno observado nos índices de investimentos em ações no Brasil evidencia que o fortalecimento da educação financeira está correlacionado com o crescimento do número de investidores no país, resultando conseqüentemente na redução da curva de pobreza. Este cenário aponta para a necessidade de uma abordagem estratégica mais abrangente, visando preencher as lacunas existentes e promover uma educação financeira verdadeiramente eficaz. Tal abordagem contribuirá não apenas para o aumento do número de investidores, mas também para a significativa diminuição dos índices de pobreza no Brasil. Essa direção é essencial para consolidar uma economia robusta e próspera no país. A análise do *modus operandi* dos investidores e a exploração do método de sucesso reconhecido, exemplificado no “método Barsi” (BALSEMÃO, 2023), tornam-se cruciais nesse contexto. O aumento da globalização e o acesso à internet podem explicar, em parte, a expansão contínua dos conhecimentos e conceitos relacionados ao fenômeno dos investimentos em ações na bolsa de valores. Este campo, marcado por sua dinâmica em constante evolução, apresenta ainda considerável potencial para expansão, evidenciando a necessidade contínua de entendimento desse complexo universo financeiro. Apesar de alguns alunos e profissionais já apresentarem notáveis habilidades desde cedo, não é imperativo ser um especialista em matemática ou finanças para compreender aspectos financeiros ao longo do tempo. O essencial é ter disposição para buscar conhecimento, encontrando nos estudos uma virtude plausível. Essa disposição para aprender é crucial, especialmente diante da crescente complexidade do cenário financeiro, proporcionando alicerces sólidos para a participação eficaz no mercado de investimentos e contribuindo, assim, para o fortalecimento da economia nacional.

* Também foram consultados sites oficiais que apresentam dados estatísticos sobre a situação da pobreza no Brasil, disponíveis em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13594-asi-ibge-lanca-mapa-de-pobreza-e-desigualdade-2003> e também disponíveis em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38545-pobreza-cai-para-31-6-da-populacao-em-2022-apos-alcancar-36-7-em-2021>

A persistência em investir e aprender a controlar individualmente a vida financeira pode ser associada à relevância do raciocínio matemático, ainda presente como fundamento na lógica mental de uma sociedade engajada diariamente em transações comerciais, compra e venda, bem como no cálculo de lucros e prejuízos. Essa base mental proporciona a abertura a novas perspectivas, corroborando a famosa citação atribuída a Albert Einstein, “a mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original” (EINSTEIN *apud* BOMBONATO, 2013). Mesmo diante de obstáculos morais e ideológicos, esse pensamento continua a resumir a jornada da humanidade na busca por uma lógica financeira, justificando a constante necessidade de imaginação (EINSTEIN *apud* VINHAS, 2016), aprimoramento e busca por conhecimento. A resistência humana, confrontando limitações morais, encontra na imaginação alimentada pelo desejo de riqueza e dinheiro um estímulo para melhorar individualmente e impactar positivamente o entorno, como evidenciado desde os tempos das Cruzadas na Idade Média. Mesmo diante da recusa religiosa ao dinheiro naquela época, o crescente e sedutor incentivo serviu como uma “válvula de escape” para ricos quanto para pobres (LE GOFF, 2005, p. 77). Em um mundo conectado pela internet, o encanto pelo crescimento pessoal e pelos investimentos permitiu que a Escola Austríaca, por meio do Instituto Mises Brasil (CRISTOFOLETTI e SERAFIM, 2023), influenciasse significativamente a mentalidade contemporânea. Esta escola, notadamente representada por teóricos como Menger e Mises, ofereceu esclarecimentos valiosos sobre a origem histórica do dinheiro e seu preço de mercado (MURPHY, 2010), fundamentados no subjetivismo e no individualismo metodológico. Suas teorias continuam a influenciar as análises econômicas brasileiras sobre questões monetárias.

Carl Menger delineou historicamente a origem do dinheiro e o desenvolvimento de seu valor, enquanto Mises superou o desafio da circularidade ao introduzir o elemento temporal em sua teoria, conectando o poder de compra do dinheiro ao longo do tempo. Em suas palavras, Ludwig von Mises afirmou que “uma bolsa de valores é crucial para a existência do capitalismo e da propriedade privada, pois significa que existe um mercado para as transações de títulos de propriedade sobre os meios de produção” (MISES *apud* MUELLER e MURPHY, 2021). Essa visão é respaldada por figuras contemporâneas, como Javier Milei, ao afirmar que “o capitalismo de livre iniciativa como sistema econômico é a única ferramenta que temos para acabar com a fome, a pobreza e a indigência em todo o planeta [...]” (MILEI, 2024, 4min54s). Enfatiza, ainda, que os empresários e investidores “são os criadores do período de prosperidade mais extraordinário que já vivemos” (MILEI, 2024, 22min07s) e considera que “o Estado não é a solução. É o problema” (MILEI, 2024, 22min26s). Essas afirmações podem ser comprovadas com dados empíricos, principalmente porque estrategicamente o cenário de investimentos brasileiro nos últimos seis anos experimentou um impulso significativo devido ao acesso a conhecimentos além dos formais escolares, viabilizado pela informalidade proporcionada pela internet. As contribuições econômicas de MISES (1979, p. 07)) representaram avanços substanciais na teoria econômica do dinheiro, estabelecendo os alicerces essenciais para o estudo contemporâneo dessas questões. Conforme a perspectiva de Mises, o dinheiro é historicamente percebido por seu valor no “tempo” em que é analisado, pois “as pessoas esperam hoje que o dinheiro tenha um certo poder de compra amanhã com base em sua memória relacionada ao poder de compra de ontem” (MURPHY, 2010). Esse entendimento é crucial para compreender as expectativas e os princípios que norteiam a lógica de investimentos, considerando a dimensão temporal e os potenciais ganhos ao longo do tempo, considerando, em grande medida, que “não é a falta de dinheiro que impede o

desenvolvimento [...] Em outras palavras, a falta de talento e de capacidade para usar o dinheiro” (LANDES, 1998, p. 302).

Em termos de carreira e finanças em harmonia, portanto, o que cada um pode ganhar ou perder? No caminho para construir uma estratégia em um cenário pouco promissor e uma carreira sólida e alcançar sucesso financeiro, ou ampliar as possibilidades comumente denominadas pelos teóricos como “âncoras de carreira” (SCHEIN, 2009), há um elemento fundamental constantemente negligenciado por muitos especialistas, mas que se revela como a verdadeira chave para superar desafios e adversidades circunstanciais: o autoconhecimento. O autoconhecimento é uma ferramenta indispensável que pode ser encontrada em exemplos notáveis e de grande valor, dentre eles é importante considerar o “método Barsi” (BALSEMÃO, 2023). Esse *modus operandi*, construído com base no autoconhecimento das demandas, desejos, fragilidades e impulsos individuais, foi incorporado ao longo de décadas pelo seu criador como uma estratégia de vida. Recentemente, essa abordagem financeira tem ganhado destaque, pois se entrelaça com hábitos de vida, revelando-se um fator crucial e equilibrado no caminho em direção ao sucesso financeiro, resultando em um estilo de vida que ecoa o antigo princípio filosófico de que “aquilo que é necessário à subsistência não pode ser, ao mesmo tempo, o objetivo da existência. O objetivo tem de estar muito acima de tudo isso” (CARVALHO, 2019). Em grande medida, tanto a história quanto a filosofia exploraram tais perspectivas, que podem ser determinantes para alcançar uma posição de destaque que invariavelmente revela apenas um estilo de vida de autoconhecimento, pois “quem é sábio é rico [...] quem tem sabedoria tem que ter riqueza, a riqueza sempre acompanha a sabedoria” (MARÇAL, 2023, p. 37).

No cenário contemporâneo, compreender a si mesmo torna-se mais crucial do que nunca. Conforme salientou o advogado Paulo CREMONEZE (2021, p. 26), “vivemos em um tempo confuso, nebuloso e cheio de incertezas. Não que os tempos passados fossem diferentes. O tempo atual, porém aparenta ter tudo isso de um modo mais grave, acentuado, intenso”. Essa percepção ecoa as palavras do Cardeal Jules MAZARIN (1997, p. 40, pensador do século XVII que enfatizava a importância de fazer perguntas cruciais sobre o controle pessoal diante das vulnerabilidades da alma humana: “em que ocasiões tens tendência a perder o controle de ti mesmo, a deixar-te levar por desvios de linguagem e de conduta [...] Em suma, aqueles momentos em que, como escreve Tácito, ‘as almas dos mortais são vulneráveis’”. Nesse contexto, é essencial explorar os aspectos do autoconhecimento como um elemento fundamental na construção de uma carreira sólida e equilibrada, associada ao sucesso financeiro. Em grande medida, essa autenticidade consigo mesmo é o alicerce para alcançar o equilíbrio e o sucesso duradouro:

Quando se aborda a ideia de prosperidade, os indivíduos isoladamente começam a entender a sensatez do compartilhamento dos saberes e conhecimentos, aumentando-os em qualidade e eficiência. As pessoas tomam decisões diariamente sobre diversos aspectos da vida e, muito embora se acredite na racionalidade de tudo, boa parte destas revelam os valores pessoais e as prioridades visualizadas no ambiente de convivência (HOSS e PIEREZAN, 2021, p. 11-120).

Sempre que se aborda a prosperidade individual, é certo que tal perspectiva impulsiona o crescimento de todos ao redor. Isso se deve ao reconhecimento de que o “capitalismo é a fonte da riqueza, da prosperidade e do bem-estar” (MATTAR, 2022) para aqueles que participam desta ferramenta de diminuição da pobreza. A estratégia para alcançar esse resultado é baseada no compartilhamento constante de conhecimento e saberes,

fundamentais para desenvolver o discernimento de que intervenções estatais mais limitadas têm o potencial de alavancar o empreendedorismo e os investimentos.

Em conclusão, ao partilhar saberes, informações e experiências, as pessoas têm a oportunidade não apenas de aprimorar a qualidade e eficiência das decisões que tomam em suas vidas, mas também de enriquecer sua compreensão sobre as complexidades inerentes à tomada de decisões. Nesse processo, é crucial lembrar que as escolhas não são simples resultados de uma análise meramente racional; elas também são influenciadas por valores pessoais e pelas dinâmicas do ambiente em que vivemos. O equilíbrio entre a busca pelo conhecimento e o reconhecimento da importância das emoções e valores na tomada de decisões destaca a natureza multifacetada desse desafio. Como salientou Claudio Antônio ROJO (2006, p. 43), é crucial “salientar que mesmo com os indícios aparentemente determinísticos de que algo pode chegar, realmente, a acontecer, é raro um cenário acontecer exatamente da maneira como foi simulado”.

Portanto, ao refletir e analisar o processo decisório, somos instigados a abraçar a incerteza com humildade, reconhecendo que, embora possamos buscar aprimorar nossas escolhas através do conhecimento, a singularidade de cada situação e a imprevisibilidade do futuro adicionam camadas de desafio e fascinação. Este é um convite à constante busca por sabedoria, discernimento, investimento e empreendedorismo. Ao contrário do que é estimulado hoje, a sabedoria dos antigos exaltava que a felicidade do homem residia no esforço, na busca da perfeição e na exaltação da beleza (COSTA, 2003).

REFERÊNCIAS

- AGRELA, Lucas. Brasil ganha 2 posições e fica em 22º lugar em ranking de confiança de investidores. Site CNN Brasil, 08 de abril de 2022. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/brasil-ganha-2-posicoes-e-fica-em-22o-lugar-em-ranking-de-confianca-de-investidores/>
- ALVES, José E. D. Qual o tamanho da população brasileira atual? Site ECO DEBATE, de 25 de agosto de 2021. Disponível em <https://www.ecodebate.com.br/2021/08/25/qual-o-tamanho-da-populacao-brasileira-atual/>
- ANBIMA. Cresce número de investidores brasileiros em 2022 e perspectiva para 2023 é de novo aumento. Site da ANBIMA, de 06 de abril de 2023. Disponível em https://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/cresce-numero-de-investidores-brasileiros-em-2022-e-perspectiva-para-2023-e-de-novo-aumento.htm
- ANDRADE, Juliana. Bilionários sem diploma: conheça 15 nomes da lista Forbes que não possuem ensino superior. Site Forbes, de 24 de agosto de 2020. Disponível em <https://forbes.com.br/listas/2020/08/bilionarios-sem-diploma-conheca-15-nomes-da-lista-forbes-que-nao-possuem-ensino-superior/>
- AUGUSTO, Flávio. Dica aos jovens: sejam ambiciosos e parem de perder tempo com o sistema educacional convencional. Site Mises Brasil, Economia, de 23/03/2022. Disponível em <https://mises.org.br/article/2790/dica-aos-jovens-sejam-ambiciosos-e-parem-de-perder-tempo-com-o-sistema-educacional-convencional>
- BALSEMÃO, Rafael. Método Barsi: conheça os 5 pilares da estratégia do investidor bilionário. Inteligência Financeira, de 14 de agosto de 2023. Disponível em <https://inteligenciafinanceira.com.br/onde-investir/renda-variavel/metodo-barsi-estrategias-dividendos/>
- BARIANI, Edison. Indivíduo, sociedade e genialidade: Norbert Elias e o caso Mozart. Revista Urutágua (Online), Maringá-PR, v. 8, p. 1-1, 2005. Disponível em http://www.urutagua.uem.br/008/08soc_bariani.htm
- BARRETO, Ana Cristina Teixeira. Carta de 1988 é um marco contra discriminação. Site Consultor Jurídico, de 5 de novembro de 2010. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2010-nov-05/constituicao-1988-marco-discriminacao-familia-contemporanea#:~:text=O%20princ%C3%ADpio%20da%20igualdade%20pressup%C3%B5e,exata%20medida%20de%20suas%20desigualdades%E2%80%9D>
- BARROS, Clóvis de. Existe um lugar para você, um jeito certo de você viver. Site Saber Filosófico, de 2019. Trecho

da citação inicia em 5min51s e termina em 6min07s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=INUvGmpISDU>

BARSI FILHO, Luiz. As 11 melhores frases do megainvestidor Luiz Barsi. Jornal Estadão, Investidor, de 24 de setembro de 2022. Disponível em <https://einvestidor.estadao.com.br/comportamento/frases-luiz-barsi/>

BERNARDINHO. Transformando suor em ouro. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BÉRIOU, Nicole. L'esprit de lucre entre vice et vertu: Variations sur l'amour de l'argente dans la prédication du XIIIe siècle. In Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public, 28^e congrès, Clermont-Ferrand, 1997. L'argent au Moyen Âge. Disponível em https://www.persee.fr/issue/shmes_1261-9078_1998_act_28_1 e disponível em https://www.persee.fr/doc/shmes_1261-9078_1998_act_28_1_1728

BLOOM, Allan. O declínio da Cultura Ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade. 2^aed. São Paulo: Best Seller, 1989.

BOBBIO, Norberto. Direito e Poder. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

BOMBONATO, Felício. "A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original", Albert Einstein. Site Blog Revide, de 21 de outubro de 2013. Disponível em <https://www.revide.com.br/blog/felicio-bombonato/mente-que-se-abre-uma-nova-ideia-jamais-voltara-ao/>

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre & EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In ŽIŽEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996

BRAGANÇA, Luiz Philippe Orleans e. Como as constituições brasileiras foram gradualmente acabando com a liberdade de trabalhar. Site Mises Brasil, Economia, de 19/07/2017. Disponível em <https://mises.org.br/artigos/2492/como-as-constituicoes-brasileiras-foram-gradualmente-acabando-com-a-liberdade-de-trabalhar>

CARLYLE, Thomas. *Past and Presente*. London: J.M. Dent Ltd, 1924

_____. Os heróis. São Paulo: Melhoramentos, 1963

CANFIELD, Jack. *apud* BYRNE, Rhonda. The Secret: O segredo. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2015.

CAHALI, Yussef Said. Posse e propriedade: doutrina e jurisprudência. São Paulo: Saraiva, 1987.

CARVALHO, Olavo de. Coragem. Site Olavo de Carvalho, transcrição de aula feita por Marie Asmar, em 17 de fevereiro de 2016. Disponível em <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2016/02/17/coragem/>

_____. O poder de conhecer (O Globo, 4 de agosto de 2001. In CARVALHO, Olavo de. O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota. Rio de Janeiro: RECORD, 2013.

_____. Notas de aula. Site Olavo de Carvalho, de 3 de janeiro de 2020. Disponível em <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2020/01/03/3-1-2020/>

_____. O Jardim das Aflições. De Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre Materialismo e a Religião Civil. 3^a ed. Campinas-SP: Vide Editorial, 2015

_____. COF, aula 47. Site Olavo de Carvalho, de 2 de setembro de 2019. Disponível em <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2019/09/02/cof-aula-47/> também encontrado em vídeo em <https://www.instagram.com/reel/CyOIBTFJD6L/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>

_____. Maquiavel ou a confusão demoníaca. Campinas-SP: Vide Editorial, 2011.

CASTRO, João. Extrema pobreza no Brasil cai pela 1^a vez desde o início da pandemia. Site Poder 360, de 8 de dezembro de 2023. Disponível em <https://www.poder360.com.br/economia/extrema-pobreza-no-brasil-cai-pela-1a-vez-desde-o-inicio-da-pandemia/>

CENTA, Sergio Alexandre. A geração nem-nem. Site Gazeta do Povo, de 18/07/2016. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/a-geracao-nem-nem-arpjjoc29d161corug6mtdtwn/>

CHAUI, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2005.

- CHESTERTON, Gilbert Keith. A utopia dos usurários e outros ensaios. Curitiba, PR: Editora Verso l'Alto, 2023.
- CHIM-MIKI, A. F.; OLIVEIRA-RIBEIRO, R. Elements of coopetition strategy: An overview of models by descending hierarchical classification. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, v. 15, n. 2, p. 60-90, 2022. p. 62. Disponível em <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/EeN/article/view/10282>
- COSTA, Ricardo da. A educação na Idade Média: a busca da *Sabedoria* como caminho para a felicidade: al-Farabi e Ramon Llull. In *Dimensões – Revista de História da UFES 15*. Dossiê História, Educação e Cidadania. Vitória: EDUFES, 2003.
- CREMONEZE, Paulo Henrique. ORA ET LABORA: a divisa beneditina, a ordem econômica e a moral católica no mundo atual. In PIEREZAN, Alexandre (Org.). *Da prosperidade divina à riqueza dos homens: a religião enquanto sustentáculo da civilização*. Revisão técnica de Sérgio Paula Rosa. Cascavel-PR: AHBP, 2021.
- CRISTOFOLETTI, Evandro Coggo & SERAFIM, Milena Pavan. A atuação do Instituto Mises Brasil no Ensino Superior Brasileiro. Porto Alegre, *Revista Educação & Realidade*, v. 48, <https://doi.org/10.1590/2175-6236116638vs01>
- DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.
- DINIZ ALVES, José Eustáquio. A redução da extrema pobreza no mundo desde 1820. Site Eco Debate, de 27 de novembro de 2017. ISSN 2446-9394. Disponível em <https://www.ecodebate.com.br/2017/11/27/reducao-da-extrema-pobreza-no-mundo-desde-1820-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>
- DOYLE, Bob. *apud* BYRNE, Rhonda. *The Secret: O segredo*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2015.
- DOSSE, François, *La marcha de las ideas: Historia de los intelectuales*, *História Intelectual*. Espanha: Universitat de València, 2007
- DOWBOR, Ladislau. A grande riqueza e a grande pobreza são igualmente patológicas para a sociedade. *Jornal da UNICAMP*, de 10 de junho de 2019. Disponível em <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/ladislau-dowbor/grande-riqueza-e-grande-pobreza-sao-igualmente-patologicas-para>
- DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.
- _____. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- EINSTEIN, Albert. *apud* BYRNE, Rhonda. *The Secret: O segredo*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2015
- EKER, T. Harv. *Os segredos da mente milionária*. Rio de Janeiro: Sextante, 1992.
- ESPIRITO SANTO, Alexandre. O mito das cavernas: entendendo as consequências da indisciplina fiscal. Site Valor Investe, de 05 de dezembro de 2022.
- FERGUSON, Niall. *A grande degeneração: a decadência do mundo ocidental*. São Paulo: Planeta, 2013.
- FERRARI, Hamilton & NASCIMENTO, Houldine. Número de investidores na B3 bate recorde no 1º semestre. Site Poder 360, de 8 de setembro de 2023. Disponível em <https://www.poder360.com.br/economia/numero-de-investidores-na-b3-bate-recorde-no-1o-semester/#:~:text=A%20quantidade%20de%20investidores%20na,203%2C1%20milh%C3%B5es%20em%202022>
- FERRARI, Hamilton. Número de investidores na B3 sobre para 5,8 milhões em 2022. Site Poder 360, de 8 de janeiro de 2023. Disponível em <https://www.poder360.com.br/economia/numero-de-investidores-na-b3-sobe-para-58-milhoes-em-2022/>
- FERRAZ, Eduardo. *Negocie qualquer coisa com qualquer pessoa: estratégias práticas para obter ótimo acordos em suas relações pessoais e profissionais*. São Paulo: Planeta Estratégia, 2020.
- FERRAZ, Carlos Adriano. Licenciosidade universitária: uma ameaça à verdadeira liberdade acadêmica. In PIEREZAN, Alexandre (Org.). *Entre o lamento dos homens e o saber científico: a verdade censurada*. Toledo: AHBP, 2022.
- FREYRE, Gilberto. *Uma cultura ameaçada e outros ensaios*. São Paulo: É Realizações, 2010.

FRANCO, Gustavo Cambraia. A letra e o Espírito: Estudo prévio para uma tradução de sermões representativos de São Vicente de Ferrer (1350-1419) para a língua portuguesa. Tese de doutorado apresentado na Universidad de Alicante, 2017, sob a orientação de Ricardo da Costa e Vicent Martines. Disponível em <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/72544>

GALLO, Fabio. Qual é o perfil do investidor brasileiro? Artigo Jornal Estadão, de 08 de julho de 2023. Site Jornal Estadão, disponível em <https://www.estadao.com.br/economia/fabio-gallo/perfil-investidor-brasileiro/#:~:text=Mas%20o%20perfil%20do%20investidor,%2C%20tamb%C3%A9m%2C%20morando%20no%20Sudeste.>

GAZETA DO POVO / O GLOBO. Educação explica só parte da riqueza. Site Gazeta do Povo de 16/05/2015. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/educacao-explica-so-parte-da-riqueza-bvwva3nwfkwazxcdd52muam/>

GORDON, Jon. O poder da liderança positiva. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Alta Books, 2018.

GRANATO, Luísa. Para Elon Musk, você pode aprender tudo online e a universidade tem 2 funções. Site Exame, relativo à Carreira, de 27 de dezembro de 2020. Disponível em <https://exame.com/carreira/para-elon-musk-voce-pode-aprender-tudo-online-e-a-universidade-tem-2-funcoes/>

HOSS, Osni. Empreendedorismo: Finanças e sucesso. 11ª Edição. Cascavel-PR: Hoss Editora, 2023.

HOSS, Osni; ROJO, Claudio A; GRAPEGGIA, Mariana. Empreendedorismo, finanças e sucesso. 11ª Ed. Cascavel-PR: Osni Hoss, 2023.

HOSS, Osni; PIEREZAN, Alexandre. A Prosperidade: relendo a Bíblia. In PIEREZAN, Alexandre (Org.). Da prosperidade divina à riqueza dos homens: a religião enquanto sustentáculo da civilização. Revisão técnica de Sérgio Paula Rosa. Cascavel-PR: AHBP, 2021.

INFOMONEY. Luiz Barsi: o filho de imigrantes que trabalhou como engraxate e hoje é conhecido como o “rei da Bolsa”. Site InfoMoney. Disponível em <https://www.infomoney.com.br/perfil/luiz-barsi/>

KOYANAGI, Ai; LUÍS, Jacó; HARO, José Maria. Association between intelligence quotient and violence perpetration in the English general population. Site PubMed, Psychol Med, jun 2019, volume 49. doi: 10.1017/S0033291718001939. Epub 2018 Jul 30. Disponível em <https://www.cambridge.org/core/journals/psychological-medicine/article/abs/association-between-intelligence-quotient-and-violence-perpetration-in-the-english-general-population/AF21CE0AEDE9FFB0BC44AA1D059CF735> ou em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30058504/>

LACALLE, Daniel. Vamos erradicar a pobreza, e não destruir a riqueza. Site Mises Brasil, de 30 de outubro de 2019. Disponível em <https://mises.org.br/artigos/2600/vamos-erradicar-a-pobreza-e-nao-destruir-a-riqueza>

LACERDA, Sandra. “É como explicador que quero ser lembrado”: Clóvis de Barros Filho define sua filosofia. Site Revista Esquinas, de 14 de junho de 2021. Disponível em <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/educacao/e-como-explicador-que-quero-ser-lebrado-clovis-de-barros-filho-define-sua-filosofia/>

LANDES, David. A riqueza e a pobreza das nações. Lisboa: Gradiva, 1998.

LANNES, Yuri N. da Costa. Ética empresarial e função social Business Ethics. Revista Jurídica – UNICURITIBA, v. 3, n. 36, 2014. Disponível em <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/996> Consultado em 02 de fevereiro de 2023.

LE GOFF, Jacques. A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. A civilização do ocidente medieval. Bauru, SP: Edusc, 2005

_____. A bolsa e a vida. A usura na Idade Média: economia e religião na Idade Média. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LOIOLA, Alessandro. O ouroboros brasileiro. Site Instagram, de 24 de outubro de 2023. Disponível em https://www.instagram.com/p/Cyx4pYOOZoM/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==

_____. Manifesto conservador brasileiro. Manhood Brasil, 1ª Edição, 2019.

LIMA, Liliane de. Jeff Bezos revolucionou o mundo dos livros e disputa o espaço com Elon Musk. Site Seu Dinheiro, de 24 de julho de 2022. Disponível em <https://www.seudinheiro.com/2022/especiaissd/rota-do-bilhao-jeff-bezos-amazon-blue-origin-lils/>

LOPES, Marcos Antônio. A política dos modernos. Cascavel-PR: EDUNIOESTE, 1997.

LUHBY, Tami. 1% mais rico acumulou duas vezes mais riqueza do que resto do mundo em 2 anos. Site CNN Brasil, de 16 de janeiro de 2023. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/1-mais-rico-acumulou-duas-vezes-mais-riqueza-do-que-resto-do-mundo-em-2-anos/>

MANTOVANI, Fernando. Por que investir em você é a melhor estratégia para crescer na carreira. Artigo da Revista Exame, site Exame.com, de 5 de novembro de 2021. Disponível em <https://exame.com/colunistas/sua-carreira-sua-gestao/por-que-investir-em-voce-e-a-melhor-estrategia-para-crescer-na-carreira/>

MANHOODBASIL. Carreira e finanças. A filosofia do dinheiro: me poupe hoje, e eu pouparei você amanhã. Site ManhoodBrasil, de 17 de junho de 2023. Disponível em <https://www.manhoodbrasil.com.br/4874-2/>

MACHIAVELLI, Niccolo (1469-1527). O príncipe. 27ª ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

MARÇAL, Pablo. Os códigos do milhão: como desbloquear as ilhas neuronais da riqueza. São Paulo, Camelot Editora, 2023.

MAZARIN, Cardeal Jules. Breviário dos políticos. São Paulo: Ed. 34, 1997

MATTAR, Salim. O capitalismo é a fonte da riqueza, da prosperidade e do bem-estar”. Site Gazeta do Povo de 10 de junho de 2022, disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/salim-mattar/o-capitalismo-e-a-fonte-da-riqueza-da-prosperidade-e-do-bem-estar/>

MCGRATH, Alister. Ciência & Religião. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

MILEI, Javier. Milei rompe los esquemas em Davos com una magistral oda al capitalismo. Youtube, LibertadDigital, de 17 de janeiro de 2024. Discurso disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kFitJ5juqwc>

MISES, Ludwig von. As seis lições. 7ª edição, São Paulo: Instituto Von Mises Brasil, 1979.

MONTEIRO, Letícia Silveira Souza. O trabalho no *marketing* de rede. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

MUELLER, Antony & MURPHY, Robert. Por que a bolsa de valores e os especuladores são cruciais para uma economia. Site Mises Brasil, Economia, de 29 de maio de 2021. Disponível em <https://mises.org.br/article/2967/por-que-a-bolsa-de-valores-e-os-especuladores-sao-cruciais-para-uma-economia#:~:text=Para%20sua%20surpresa%2C%20a%20resposta,sobre%20os%20meios%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o.>

MURPHY, Robert. P. A origem do dinheiro e de seu valor. Site Mises Brasil, de 10 de maio de 2010. Disponível em <https://mises.org.br/article/209/a-origem-do-dinheiro-e-de-seu-valor>

NETO, José Garajau da Silva & LOUREIRO, Carlos Frederico B. A tentativa do esvaziamento da crítica: Mises e os pressupostos liberais. Revista SER Social, Crise, Fluxos Migratórios e Políticas sociais. Brasília, v. 23, n. 49, julho a dezembro de 2021. p. 413. Disponível em https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/29361

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOGUEIRA, Célio Vieira. Nota introdutória: da política à providência. In: PIEREZAN, Alexandre. **A bondade de Deus e a força dos homens**: o Testamento Político do Cardeal de Richelieu. Cascavel-PR: AHBP Company, 2021

OLIVEIRA, E. B. A. de & LIRA, E. M. de & SOARES, M. A. Política: uma trágica vocação desprovida de ética? Portal de Periódicos da Editora UFPB. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/caos/article/view/47010/28173>

PENNA, José Osvaldo de Meira. Opção preferencial pela riqueza. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1991.

PETRY, Jacob. Site Instagram de outubro de 2023. Disponível em

<https://www.instagram.com/reel/CyvE8qruCdK/?igshid=Mm9jMhLxd21rbnZ5>

PIEREZAN, Alexandre. O direito em teoria: repensar a estética do trabalho. In PIEREZAN, Alexandre & PIEREZAN, Neide I. Bender (Organizadores). O direito negado: a supremacia de Kratos. Toledo-PR: AHBP, 2021

_____. A perfeição do político: a idéia de príncipe no *Testament Politique* do Cardeal de Richelieu. Curitiba: Prephacio, 2004.

_____. De Regia Potestate et Papali: o equilíbrio de poderes segundo Johannes Quidort (1270? – 1306). Toledo-PR: AHBP, 2022

PIEREZAN, Alexandre & MORAIS OLIVEIRA, Maria Izabel Barboza de. Bossuet e Luís XIV: economia, finanças e a sacralização do poder político da realeza. Toledo-PR: Menir Incrível – AHBP, 2023.

PERIARD, Gustavo. A hierarquia de necessidades de Maslow – o que é e como funciona. Site Gov.BR, de 04 de setembro de 2023. Disponível em <https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/portal-da-estrategia/artigos-gestao-estrategica/a-hierarquia-de-necessidades-de-maslow#:~:text=Maslow%2C%20baseia%2Dse%20na%20id%C3%A9ia,necessidades%20de%20n%C3%ADvel%20mais%20alto>.

PLIGHER, Pedro. Brasil fica em 2º lugar em ranking de geração ‘nem-nem’. Site Money Times, de 26/07/2023. Disponível em <https://www.moneytimes.com.br/brasil-fica-em-2o-lugar-em-ranking-de-geracao-nem-nem/>

PIÑON, Nélide. Conhece-te a ti mesmo. Site Academia Brasileira de Letras, 15 de fevereiro de 2006. Disponível em <https://www.academia.org.br/artigos/conhece-te-ti-mesmo>

QUADROS, Dante & TREVISAN, Rosi Mary. Comportamento Organizacional. In FACULDADE BOM JESUS. Gestão do capital humano. Volume 5. Curitiba: Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, 2002.

RECOARO, Deise Aparecida. “Quanto vale ou é por quilo?”: reflexão sobre a responsabilidade social das empresas. Revista Científica Hermes, vol. 2, 2010. Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa, Brasil. p. 06. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/4776/477648582002.pdf>

REISMAN, George. O patrimônio dos ricos e a busca pelo lucro geram diretamente todos os nossos avanços econômicos. Site Mises Brasil, de 07 de setembro de 2015. Disponível em <https://mises.org.br/article/2182/o-patrimonio-dos-ricos-e-a-busca-pelo-lucro-geram-diretamente-todos-os-nossos-avancos-economicos>

ROBERTSON, Donald. Pense como um imperador: conheça a mente de um dos maiores líderes da História e descubra como um mindset resiliente pode vencer qualquer adversidade. Porto Alegre: CDG, 2020.

RODRIGUEZ, José Honório. Características do povo brasileiro. Revista da Escola Superior de Guerra, n. 12, 1989, DOI: <https://doi.org/10.47240/revistadaesg.v0i12>

ROHN, Jim. Começando no Marketing de rede. s/d. Site Autêntico Valor, entrevista disponível em https://www.instagram.com/reel/COY5XMgq1KS/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==, dezembro de 2023.

ROJO, Claudio Antônio & MACCARI, Emerson. Investimento em ações Small Caps: cenários do mercado brasileiro. Cascavel: Claudio Rojo, 2014.

ROJO, Claudio Antônio. Simulação de cenários e a Estratégia nos Negócios. Revista CAP Accounting and Amangement - Número 01 – Ano 01 – Volume 1 – 2006 anual. Disponível em <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/CAP/article/view/879/518>

ROJO, Claudio Antônio. Modelo para simulação de cenários: uma aplicação em instituição de ensino superior privada. Tese de Doutorado apresentada no Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102892/222940.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

ROSSITER, Lyle H. As causas psicológicas da loucura política. 1ª ed. Campinas-SP: Vide Editorial, 2016.

ROZA, Filipe Lomba Garcia. Thomas Carlyle: medievalismo e conservadorismo reformista na obra *Past and Presente* (1843). Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal do espírito Santo, 2019.

- SADEK, Maria Tereza. Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtù. São Paulo: Ática, 2002.
- SANTOS, Mário Ferreira dos. Invasão vertical dos bárbaros. Apresentação de Luiz Felipe Pondé. São Paulo: É Realizações, 2012.
- SCHEIN, Edgar. Cultura Organizacional e Liderança. São Paulo: Atlas, 2009.
- SEBRAE. Benchmarking: o que é e como fazer. Site SEBRAE, de 30 de novembro de 2022. Disponível em <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/benchmarking-o-que-e-e-como-fazer,a4227ca23e9c4810VgnVCM100000d701210aRCRD>
- SOWELL, Thomas. Os intelectuais e a sociedade. São Paulo: É Realizações, 2009.
- VINHAS, Tânia. Site Super Interessante da Abril, de 21 de dezembro de 2016. Disponível em <https://super.abril.com.br/coluna/superblog/frase-da-semana-8220-a-imaginacao-e-mais-importante-que-o-conhecimento-8221-einstein>
- VOEGELIN, Eric. A nova teoria política. Brasília: EUB, 1979.
- _____. A nova ciência da política. Editora Universidade de Brasília, 1982.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras: 2004.
- YOUNG, Michael. The rise of the meritocracy: 1870-2033. Bristol: Penguin Books, 1961.
- UNFPA. Situação da população mundial em 2023: 8 bilhões de vidas, infinitas possibilidades: em defesa de direitos e escolhas. Site Brasil UNFPA, de 11 de julho de 2023. Disponível em <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/swop2023-ptbr-web.pdf>

Direitos de cópia - creative commons.	
Recebido em:	04/02/2024
Aprovado em:	15/02/2024
ID do artigo	#2933
Editor: Prof. Dr. Osni Hoss, Ph.D.	